



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO**

**CORPOS HÍBRIDOS EM MENTES DIÁFANAS: AS TRIBOS URBANAS NO
UNIVERSO ESCOLAR DE PALMAS E SUAS (INTER)AÇÕES COM AS
TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO**

Valdirene Cássia da Silva

Orientador: Edvaldo Souza Couto

**Salvador
2007**

VALDIRENE CÁSSIA DA SILVA

Corpos híbridos em mentes diáfanas: as tribos urbanas no universo escolar de Palmas e suas (inter)ações com as tecnologias da informação e da comunicação

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Educação, Sociedade e Práxis Pedagógica.

Orientador: Prof. Dr. Edvaldo Souza Couto

Salvador
2007

S586c Silva, Valdirene Cássia da.
Corpos híbridos em mentes diafanas : as tribos urbanas no universo escolar de Palmas e suas inter(ações) com as tecnologia da informação e da comunicação / Valdirene Cássia da Silva. -- Palmas, 2007.
93 f.; il.; 28 cm

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, 2007.
Orientador: Edvaldo Souza Couto

I. Tecnologia da informação e comunicação 2. Juventude 3. tribos urbanas 4. Cultura midiática 5. Universo escolar I. Título

CDU 37.012

Ficha Catalográfica elaborada pela Seção Processamento Técnico-Biblioteca Martin Luther

Para Herculana e Leonor, guerreiras do interior do Jequitinhonha.

Ao Prof^oDr. Geraldo da Silva Gomes, pelas transformações em mim.

AGRADECIMENTOS

Construo essa parte do trabalho certa de que as palavras aqui escritas não expressarão a intensidade do meu carinho e da minha gratidão por pessoas e instituições que permitiram essa conquista.

Ao Prof. Dr. Edvaldo Couto – meu orientador, meu especialíssimo agradecimento, por acreditar nessa investigação e apostar nessa aprendiz de pesquisadora. Suas aulas, seus textos, suas orientações nortearão, sempre, a minha carreira acadêmica.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação da FACED e ao grupo de pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologias- GEC, em especial a prof^a. Dra. Maria Helena Bonilla, pelo incentivo e conhecimento compartilhado.

À CAPES, pela bolsa de estudo que permitiu a realização dessa dissertação.

À Fundação Universidade do Tocantins e sua atual Gestão pela oportunidade de realização do curso de Mestrado, e incentivo constante ao meu aperfeiçoamento acadêmico.

Ao Centro de Ensino Médio – CEM, por colocar à disposição alunos, professores, coordenadores e funcionários para a construção deste trabalho.

A prof^a Maria Lourdes F.G. Aires e ao Prof. Geraldo da Silva Gomes pela amizade e exemplo de rigor e vigor acadêmicos.

A Prof. Irenides Teixeira – minha coordenadora e amiga no CEULP – ULBRA, por permitir o meu afastamento, entendendo as razões que me levaram a fazer essa solicitação.

Ao amigo e prof. Damião Rocha – por ter cruzado o meu caminho e, generosamente, ter compartilhado comigo conceitos, idéias e risos nas madrugadas de Salvador.

Ao prof. Fábio D'abadia, meu grande amigo, que sempre manifestou entusiasmo pela minha pesquisa.

Ao jornalista e prof. Rogério Silva, que me apontou o caminho da Universidade do Tocantins, em 2001. Desde então, minha casa.

Ao prof. Dr. Eli Pereira pela magistral revisão textual deste trabalho.

Aos meus pais – pelo amor incondicional, por terem assumido comigo a grande labuta do estudo neste país ainda tão desigual. Um beijo especial a minha mãe que sempre rezou, acreditou, torceu, sorriu e chorou por mim. Pai, obrigada pela tietagem.

Aos meus irmãos - por compreender as ausências dos telefonemas. Espero que a minha alegria, nessa conquista, sirva de estímulo para eles e para seus filhos.

Ao meu companheiro, meu amor, José Carlos, que me incentivou nessa caminhada, tornando os meus dias mais leves e mais coloridos.

Aos meus tios Hélio e Neth, que se orgulham de mim como se orgulha de uma filha.

Aos meus tios Jurandir (meu orgulho e minha inspiração) e João que representam aqui as minhas raízes e os meus valores. Por eles agradeço todos os outros tios, tias, primos e primas, que não sabem direito o que esse trabalho representa, mas se alegram comigo.

A família Corsino - a primeira porta que se abriu a mim, no Tocantins. Meu carinho e minha gratidão.

Aos meus alunos, colegas e amigos do Curso de Comunicação do CEULP- ULBRA, da Academia de Polícia Tiradentes do Tocantins e da Fundação Universidade do Tocantins. À Sâmia Caroline, autêntico corpo híbrido em mente diáfana.

*Une éducation d'homme n'est jamais achevée; l'acquisition du savoir
se poursuit tout au long de la vie.*

RESUMO

SILVA, V. C. **CORPOS HÍBRIDOS EM MENTES DIÁFANAS:** as tribos urbanas no universo escolar de Palmas e suas (inter)ações com as tecnologias da informação e da comunicação. 2007. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

Esta é uma pesquisa que se insere na discussão das interfaces entendidas como processo de inter(ação) e interatividade, das tecnologias da informação e comunicação e tribos urbanas, no contexto contemporâneo escolar, no universo especificado da Capital do Estado do Tocantins - Palmas. Foram investigados 35 jovens que se assumem como integrantes de tribos que circulam pela cidade e estudam no Centro de Ensino Médio de Palmas – CEM. A investigação esteve atrelada a uma perspectiva formativa escolar oficial e a seleção e oferta de conteúdos paralelos, mediados pelas tecnologias da informação e da comunicação, que possibilitam interações coletivas, em função da subordinação da chamada cultura urbana às tecnologias eletrônicas. O referencial teórico foi construído com base em: Zygmunt Bauman (2003), Paula Sibilia (2002), Jesús Martín Barbero (1997), Edvaldo Couto (2003), Manuel Castells (2003), Lúcia Santaella (1997), André Lemos (2004), Vani Kenski (2004), Maria Helena Bonilla (2005), José Guilherme Magnani (1992), Michael Maffesoli (2000), Don Tapscott (1998) e Pierre Levy (1999), sem desconsiderar as sinalizações de outros autores. O método, análise de conteúdo, foi adotado para a leitura das informações obtidas durante o processo de escuta. Os instrumentos utilizados, como procedimentos básicos para a coleta de dados foram observação, informações e entrevista. Os resultados permitiram concluir que tipologias distintas de jovens estão circulando no cenário escolar, convivendo com as ofertas das políticas educacionais e formativas, que se presumem hegemônicas, e, enquanto receptores vão negociando mais sentidos e significados de mundo e vida, a partir dos aparatos midiáticos.

Palavras-chave: tecnologias da informação e comunicação; juventude; tribos urbanas; cultura midiática; universo escolar.

ABSTRACT

SILVA, V. C. **HYBRID BODIES IN DIÁFANAS MINDS**: The urban tribes at school contests in Palmas and their interaction with the information technology and communication. 2007. Mastering Dissertation – Educational College, Federal University of Bahia, Salvador, 2007.

This is a research that is inserted into the interfaces discussion known as a process of interaction and interactivity, from information technology, communication and urban tribes, in the contemporary school context, in the universe specified in the capital of Tocantins State - Palmas. Thirty five young people that assume taking part in tribes, going around the city and study at Centro de Ensino Médio de Palmas – CEM. (High School Center in Palmas), were investigated. The investigation was linked to an official school formative prospect, the selection and demand of parallel contents, mediated by the information technology and communication that allow collective interactions, about the subordination called urban culture at electronics technologies. The theoretical reference was constructed based on; Zygmunt Bauman (2003), Paula Sibilia (2002), Jesús Martín Barbero (1997), Edvaldo Couto (2003), Manuel Castells (2003), Lúcia Santaella (1997), Andres Lemos read (2004), Vani Kenski (2004), Maria Helena Bonilla (2005), Jose Guillermo Magnani (1992), Michael Maffesoli (2000), Don Tapscott(1998) and Pierre Levy (1999), without disrespecting the signs of other authors. The methodology, analyses of contest, was adopted for reading information obtained during the listening process. The instruments used, like basic procedures of data collection were; observation, information and interview. The results permit us to conclude, that distinct young typologists that are involved at the school contest, living together with the offers of educational and formative politics, that are presumed hegemonic, and, while receptors continuous negotiating more reasons and significant to understand the meaning of the world and life, from the mediatic apparatus.

Key words: information technology and communication; youth; urban tribes; mediatic culture; school contests.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fachada do Centro de Ensino Médio de Palmas	56
Figura 2 - Sala da Coordenação Pedagógica	58
Figura 3 - Vista parcial da Biblioteca.....	58
Figura 4 – Auditório	59
Figura 5 – Piscina	59
Figura 6 - Quadra Poliesportiva	60
Figura 7 - Corredores do CEM.....	60
Figura 8 - Corredores do CEM.....	61
Figura 9 - Área interna do CEM.....	62

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição dos Jovens Pesquisados por Faixa Etária	64
Gráfico 2 - Local de Moradia por Região Residencial Geográfica	65
Gráfico 3 - Distribuição Estudo e Trabalho.....	66
Gráfico 4 - Tecnologias mais utilizadas pelos jovens	66
Gráfico 5 - Usos da tecnologia	71

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	13
1. Primeiros deslocamentos teóricos realizados	15
1.1 O contexto dos deslocamentos	17
1.2 Levantando hipóteses e estabelecendo problemas.....	18
1.3 Objetivo e questões norteadoras	21
1.4 Metodologia no campo	21
1.5 O texto e suas lógicas	23
CAPÍTULO I - TECNOLOGIAS, CONVERGÊNCIA MIDIÁTICA E FRUIÇÃO DA JUVENTUDE NA CONTEMPORANEIDADE	25
1.1 Uma aproximação necessária com o sentido de tecnologia	26
1.2 A convergência midiática	31
1.3 A fruição da juventude na contemporaneidade	35
CAPÍTULO II – ENTENDIMENTO SOBRE ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE NOS UNIVERSOS TOCANTINENSE E PALMENSE A PARTIR DAS LEIS, DAS CIÊNCIAS MÉDICAS E DAS CIÊNCIAS SOCIAIS	38
2.1 Adolescente e jovem na história.....	38
2.2 Adolescência ou juventude em Palmas?.....	43
2.3 Tribos urbanas ou culturas juvenis	46
CAPÍTULO III – AS TRIBOS URBANAS E SUAS INTER(AÇÕES) COM AS TECNOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS	53
3.1 O Centro de Ensino Médio de Palmas.....	56

3.2 Os interlocutores juvenis no CEM de Palmas	62
3.3 Análise das entrevistas realizadas com os jovens.....	66
3.3.1 Encantamento com as tecnologias.....	66
3.3.2 O uso das tecnologias para fins econômicos	67
3.3.3 Relação tecnologia e criticidade.....	68
3.3.4 Tecnologia e pertencimento a tribos urbanas	69
3.3.5 Dependência do uso do celular.....	70
3.3.6 Restrições do acesso à internet	71
3.3.7 Tecnologias e aprendizagem	72
3.3.8 Influência das tecnologias	73
3.3.9 Limitações do uso das tecnologias na escola	74
CONCLUSÃO	75
BIBLIOGRAFIA	80
ANEXOS	86
1. Planta baixa do Centro de Ensino Médio de Palmas - CEM.....	87
2. Roteiro das questões apresentadas aos alunos do CEM.....	88
3. Ofícios enviados.....	91

INTRODUÇÃO

Nos anos de trabalho com a organização curricular e gestão operacional dos cursos de Licenciatura parcelada da Fundação Universidade do Tocantins – UNITINS, possibilitaram escutas, falas, diálogos, e até mesmo conflitos-confrontos, com parte daquele coletivo de professores habilitados para atuar nessas licenciaturas.

Nosso primeiro domínio disciplinar na docência está alicerçado no campo da comunicação, em especial das relações públicas, que nos possibilitou trafegar entre jovens e adultos dos cursos de comunicação (jornalismo e publicidade e propaganda) além da UNITINS como no Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP-ULBRA e das Faculdades Objetivo. A vivência no cotidiano das salas de aula do ensino superior agregou-nos uma certeza: o ato de aprender é pensado como movimento que se realiza em um fluxo sujeito-objeto, no qual a incorporação do último garante a transformação do primeiro.

A certeza pode parecer romântica, mas nos garantiu força e rigor para adentrar nos domínios dos estudos educacionais/pedagógicos com o desejo de desmistificar algumas considerações sobre os alunos, que por sua vez revelavam muito do que são os professores. Escutamos muito a defesa de uma perspectiva imóvel sobre a relação aluno – objeto de conhecimento (conteúdo) sendo esta mediada pelo professor. Este último sendo como o depósito único e exclusivo do saber, e o aluno apresentado não mais como uma tabula rasa mas como uma mente-caixa vazia, fútil e desprovida de qualquer senso crítico. A bem da verdade nem todos os professores compartilhavam dessa triste consideração, porém por mais que se ampliassem as discussões para esclarecimento da relação ensino-aprendizagem e professor-aluno, em proporcionalidade, o tradicionalismo conservador também se alastrava.

Embora termos e expressões de moda estivessem presentes nos projetos pedagógicos dos cursos de pedagogia, normal superior, letras, matemática, geografia e história do Programa de Licenciaturas Parceladas (Convênio N° 118 UNITINS/SEDUC, Convênio UNITINS/SEMEC; Projeto Alvorada UNITINS/SEDUC), como “professor reflexivo”, “professor dialógico”, “aluno construtor de seu conhecimento”, um currículo oculto se fazia presente na aplicação dos cursos, e que por sua vez encontrava solo propício junto aos 4.000 professores leigos em exercício nas unidades escolares do Estado do Tocantins.

Uma rede oculta se estabeleceu desde tempos de implantação de um modelo educacional nessa unidade federativa, herdada de políticas educativas e que conformavam corações-mentes de professores, alunos, comunidade escolar como um todo e a sociedade envolvente à escola. Diversos analistas e pesquisadores educacionais vêm se debruçando há tempos sobre essa situação.

Pesquisas, estudos, relatórios e debates também foram exaustivamente trabalhados nesses processos de acompanhamento das licenciaturas com o intuito de romper a cultura do “Magister dixi” (o mestre disse). Alguns limites foram superados, outros ainda estão por se romper.

Um desses limites subjaz na relação da escola com as tecnologias contemporâneas, temática também em exploração por inúmeros pesquisadores (KENSKI, 2004; PRETTO, 1999; BONILLA, 2005). Nessa relação agregamos nossa preocupação com o aluno jovem, ou seja, procuramos fazer um recorte no conceito aluno. Os educadores em sua cotidianidade docente mencionam o aluno como um bloco único, olvidando de especificidades de gênero, etários, culturais, sócio-culturais, ou seja tudo aquilo que o subcampo das relações públicas nos alerta para levar em consideração ao se tratar com o indivíduo e seus distintos grupamentos e associações.

Uma inquietação sobre investigar características do aluno jovem, não a criança dos primeiros anos da educação básica e nem o discente universitário, se fez presente em nossa trajetória profissional e acadêmica. Junto à essa inquietação também se manifestou o desejo de aliar contributos da área comunicacional à educacional, procurando evidenciar que não existem mentes-caixas vazias para o processo ensino-aprendizagem.

Essa inquietação se transformou no primeiro conjunto de motivações para esta pesquisa. Percebemos que a sociedade contemporânea está marcada pela produção de inovações (científicas, cognitiva, tecnológicas) e pelo processo incessante de circulação da informação. E a escola e os professores, ainda parecem viver sob o signo de uma outra velocidade, extremamente morosa e conservadora.

E os alunos, parece, que passaram a viver sob a cultura da inovação, absorvendo com velocidade tudo que ocorre. Assim, a presente investigação “Corpos híbridos em mentes diáfanas: as tribos urbanas no universo escolar de Palmas e suas inter(ações) com as tecnologias da informação e da comunicação” busca pesquisar as interfaces - entendidas como processo de inter(ação) – da tecnologia e tribos urbanas na contemporaneidade escolar,

tanto para descortinar determinadas concepções errôneas sobre a juventude nos cenários da escola, como sinalizar outras possibilidades de se pensar-agir com intervenções pedagógicas por parte dos docentes, mais compartilhadas e verdadeiramente respeitadas das novas configurações culturais.

1. Primeiros deslocamentos teóricos realizados

Aproveitamos desse primeiro momento textual introdutório para explicitar determinados caminhos realizados, como um exercício “pré-dissertação” facilitador teórico-epistemológico antes das idas e vindas ao campo de investigação e no contato com nossos interlocutores juvenis.

Denominamos esse exercício de “pré-dissertação” não para dissociá-lo do conjunto geral da reflexão, mas como fruto de novas aprendizagens dos enfoques teóricos necessários à realização da pesquisa. O caminho metodológico-teórico de uma investigação é tão importante quanto o teórico metodológico. O primeiro é um ritual de passagem, no qual o pesquisador aprende a despojar-se de determinadas prescrições teóricas e sob conflito procura pelas contribuições dos demais pesquisadores e obras, aquelas possíveis chaves para abrir suas portas de entendimento da realidade.

Nesse primeiro caminho, aliamos contribuições de autores da educação, da antropologia, da sociologia, da filosofia, da comunicação e da administração.

No caminho teórico-metodológico, logramos construir com menos tensões a tela da pesquisa a partir da realidade empírica. Ambos os caminhos não se dissociam, mas devem ser vivenciados com igual rigor e comprometimento.

Dessa maneira, assumimos como um primeiro deslocamento que a juventude não é uma mente-caixa vazia ou tabula rasa. Os corpos e as mentes juvenis, com suas expressões e manifestações no espaço educacional, se dão mediante o cruzamento da cultura escolar oficial e o popular-urbano contemporâneo, seja este último presente nos nichos familiar-comunitário, no coletivo dos bairros e em todas as associações esporádicas ou não que os jovens estabelecem na cidade.

O cultural escolar se presumiu como um gênero de conteúdos puros e hegemônico. No entanto o popular-urbano não é um gênero impuro, pois ele é a resistência ao hegemônico

oficial. É uma manifestação crítica de contraposição à ordem urbana globalizada, à crença nas instituições políticas e o desencanto utópico (CANCLINI, 1997).

A cultura formativa escolar oficial maneja-se na seleção e oferta de conteúdos determinados pelos grupos hegemônicos no poder da sociedade e outros formatos paralelos, mediados pelas tecnologias da informação e da comunicação possibilitam interações coletivas, em função da subordinação da chamada cultura urbana às tecnologias eletrônicas.

A juventude possui corpos híbridos em mentes diáfanas pelo fato das contínuas tentativas de intromissão de produtos culturais e de consumo exacerbado pelo capitalismo contemporâneo, podendo ela ser assumida como fluída, líquida, em suma diáfana.

Conforme Bauman (2001):

[...] os fluídos se movem facilmente. Eles “fluem”, “escorrem”, “esvaem-se”, “respingam”, “transbordam”, “vazam”, “inundam”, “borrifam”, “pingam”, são “filtrados”, “destilados”; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. [...] A extraordinária mobilidade dos fluídos é o que os associa à idéia de “leveza”. [...] Associamos “leveza” ou “ausência de peso” à mobilidade e à inconstância: sabemos que pela prática que quanto mais leves viajamos, com maior facilidade e rapidez nos movemos. Essas são razões para considerar “fluidez” ou “liquidez” como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, nova de muitas maneiras, na história da modernidade (p.8-9).

Refletir e investigar as tribos urbanas e suas relações com as tecnologias da informação e da comunicação é buscar mais sinalizações para que as práticas formativas contribuam para novas práticas sociais, isto é, na dinamização de outros processos sociais importantes para a conquista de uma vida pública da juventude e com isso, buscando-se a construção de uma sociedade mais inclusiva.

As tecnologias da informação e da comunicação são confluências de vários dispositivos eletrônicos de armazenamento, tratamento e difusão de informação, segundo Kenski (2003, p. 26) “tornam-se midiáticas, após a união da informática com as telecomunicações e o audiovisual”, entretanto, no espaço escolar do ensino médio tocantinense, isso não parece estar sendo considerado em relação à juventude. De um lado, desenhos curriculares continuam a oferecer conteúdos e um jeito de ser aluno em descompasso com a contemporaneidade e ao mesmo tempo assumindo-se apenas o lado deslumbrado das tecnologias como fontes miraculosas do saber para a inserção no mercado

profissional. Por outro lado, conteúdos extracurriculares à instituição escolar, de forma midiaticizada, oferecem outras possibilidades de agir e estar no mundo. Em meio a esse combate, a juventude vai se manejando híbrida e diafanamente.

1.1 O contexto dos deslocamentos

O Estado do Tocantins, por meio dos planos, programas e projetos da Secretaria da Educação e da Cultura, assumiu de forma explícita e intencional um *modus operandi*, que possui uma lógica político-ideológica para lidar com a juventude. Esse *modus operandi* contemporâneo alia-se a uma herança de políticas educacionais e sanitárias do início do século XX, focalizadas sobre o menor assistido, almejando apenas sua profissionalização, e inserção no mercado de trabalho, e na atualidade, ao mundo dito globalizado.

Mas entre os textos e programas oficiais e a realidade tocantinense acabam existindo fossos, que se não detectados em detalhes e compreendidos processualmente, corre-se o risco das políticas públicas educacionais repetirem os mesmos esquemas funcionalistas e tutoriais do passado. Desde o ano de 1989, período de sua criação e implantação, deslocamentos foram acontecendo no Estado do Tocantins, isto é, de uma região empobrecida do ex-norte goiano o cenário regional passou a inserir-se nas rotas de implantação de políticas neoliberais e da intervenção direta da iniciativa privada no espaço público estatal. Um fenômeno não muito diferente das demais unidades federativas brasileiras, entretanto, em cenário regional ganhou ares messiânicos, tendo se em vista a necessidade de se construir uma idéia de presente-futuro promissora.

Nesse processo de configuração da sociedade, o universo educacional tornou-se espaço de experiências educativas voltadas para o atendimento das demandas dos setores produtivos e da melhoria da qualidade da prestação de serviços e oferta de produtos competitivos. Esse novo papel da educação remete-nos a Mello (1991):

A educação passa definitivamente a ocupar, juntamente com a política de ciência e tecnologia, lugar central e articulado na pauta das macropolíticas do Estado, como fator importante para a qualificação dos recursos humanos requeridos pelo novo padrão de desenvolvimento, no qual a produtividade e a qualidade dos bens e produtos são decisivos para a competitividade internacional (p. 32).

No anseio de responder às demandas nacionais e internacionais, a educação viu-se pensada e praticada apenas para a questão da escolaridade traduzida em conhecimentos e saberes específicos para o exercício de uma determinada profissão. Currículos quiseram deixar de ser grades, termo que evidencia prisão, mas ressemantizados adquiriram o termo estrutura, com todo um ordenamento hierárquico. Contudo, não se levou em consideração os atores sociais envolvidos no processo educacional-escolar – professores, alunos, comunidade escolar e envolvente – e num caso muito especial, setores da própria juventude acabaram não sendo percebidos nesse processo.

1.2 Levantando hipóteses e estabelecendo problemas

No contato com grupos de jovens, de aproximadamente 16 aos 24 anos, de uma unidade escolar de ensino médio (Centro de Ensino Médio de Palmas) e dos espaços universitários da Fundação Universidade do Tocantins e do Centro Universitário Luterano de Palmas, no que tange ao uso e consumo de bens simbólicos mediados pelas tecnologias da informação e da comunicação (TIC) (em especial, aqueles difundidos pela mídia radiofônica, publicitária e televisiva) teve-se a impressão de que a oferta de uma imagem-identidade de juventude é determinantemente produzida pelo currículo escolar do ensino médio. E que uso-consumo dos bens simbólicos mediados pelas TIC apresentam outros projetos formativos.

Em específico, os grupos juvenis do Centro de Ensino Médio de Palmas, um grande cruzamento de culturas, costumes, tradições e tendências estéticas (do popular-massivo ao burguês-elitizado) vão acontecendo. De um lado, a oficialidade educacional cria estratégias de formatação dessa juventude, por outro táticas silenciosas vão se impondo. Fenômenos de assimilação, adequação e resistência vão ocorrendo entre os jovens *metaleiros*, *funkeiros*, “*religiosos xiitas*”, *grafiteiros* etc.

Reconhecemos que histórica e socialmente a juventude tem sido considerada como fase de vida marcada por uma certa instabilidade associada a determinados “problemas sociais”, mas o modo de apreensão de tais problemas também muda. Os estudos de viés psicológico tendem a privilegiar os aspectos negativos da adolescência, sua instabilidade, irreverência, insegurança e revolta. Os estudos sociológicos ora investem nos atributos

positivos dos segmentos juvenis, responsáveis pela mudança social, ora acentuam a dimensão negativa dos “problemas sociais” e do desvio.

Para Pais (1997) a juventude é uma categoria socialmente construída no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais e políticas, uma categoria sujeita a modificar-se ao longo do tempo. A juventude deve ser tomada como um conjunto social diversificado, perfilando-se diferentes tipos em função da sua situação econômica, seus interesses e oportunidades ocupacionais e educacionais.

Podemos dividir os autores que se dedicaram ao tema da juventude em dois grandes blocos: o primeiro compreende os trabalhos que consideram a juventude como um conjunto social derivado de uma determinada fase de vida, com ênfase nos aspectos geracionais; para outros a temática estaria subsumida no interior de outras dimensões da vida social, definida a partir de universos mais amplos e diversificados, sobretudo aqueles derivados das diferentes situações de classe.

Para Morin (1984), a juventude existiria como um grupo de idade identificado aos modelos culturais das sociedades de massas. Para outros, como Chamboredon (1985), a juventude enquanto categoria estaria dissolvida em uma inerente diversidade recoberta pelas múltiplas classes sociais.

Dubet (1996) observa que, para se estabelecer um tratamento analítico sobre a noção de juventude é preciso, preliminarmente, reconhecer, que a moderna condição do jovem encerra uma tensão intrínseca. Para esse autor, a experiência desse momento de vida é construída em torno da formação moderna de um mundo juvenil relativamente autônomo e, ao mesmo tempo, como momento de distribuição dos indivíduos na estrutura social.

Para Atias-Donfut (1996) a realidade efervescente e essencialmente mutante dos jovens não poderia ser reduzida a uma dimensão unidirecional. Ela não será enfrentada a não ser que se conjugue várias perspectivas para revelar suas diversas facetas e levar em conta sua complexidade.

No Centro de Ensino Médio – CEM de Palmas, encontramos os grupos de jovens se autodenominando de tribos. Tribos referem-se a grupos de pessoas que se identificam por motivos diversos e acabam assumindo algumas características que os tornam fáceis de serem identificados e caracterizados, como roupas, acessórios, gosto musical, entre outros. Conforme Hall (1997), “a lealdade e a identificação que, numa era pré-moderna ou em

sociedades mais tradicionais, eram dadas à tribo, à religião e à região, foram transferidas, gradualmente nas sociedades ocidentais à cultura nacional” (p.49).

Mas na atualidade, a lealdade tribal pode estar sendo canalizada para as tribos urbanas, sendo esta última uma metáfora embrionária de novas sociabilidades. Criam essa identificação e lealdade pelos gostos estéticos, pelas atitudes, pela forma de se enquadrar nesse cotidiano estetizado.

No cenário palmense a presença de diversas tribos no espaço escolar faz com que o tema “juventude” adquira visibilidade e conseqüentemente suscite questões, principalmente ao que se refere ao comportamento juvenil. A partir dos comportamentos sócio-culturais que estão em disputa e sendo ofertados, eles tendem a se agruparem em busca de autonomia. Assim, eles vão vivenciando novos espaços, provisórios, nômades e transitórios.

Para Maffesoli, (1987) presenciamos um movimento típico da pós-modernidade, um novo tipo de tribalismo, por ele nomeado de neotribalismo, que foge das concepções clássicas, que tinha a estabilidade como processo fundante e que agora,

[...] é caracterizado pela fluidez, pelos ajuntamentos pontuais e pela dispersão. [...] a efervescência do neotribalismo, que sob as mais diversas formas, recusa reconhecer-se em qualquer projeto político, não se inscreve em nenhuma finalidade e tem como única razão ser a preocupação com um presente vivido coletivamente. (Maffesoli *apud* Costa , 2001 p. 45).

Há uma busca pelo pertencimento, que segundo Maffesoli (1987), é um dos traços característicos do neotribalismo – fenômeno ligado aos modos de vida e às subjetividades dos jovens urbanos na contemporaneidade. Conseqüência de estar em um mundo predominado pela moda, pelo consumo, pelo espetáculo e pela comunicação, em ambientes cada vez mais mediados pelas tecnologias da informação e da comunicação. A partir, também das considerações de Janotti (2003) de que:

[...] esses grupamentos juvenis estabeleceram relações tensivas com os espaços normativos, pois, ao mesmo tempo em que se colocam como “alternativos” ou “independentes” da escola, família e trabalho, eles acabam usando esses espaços como referências de suas próprias fronteiras. Deste modo, juventude não é somente a manifestação de experiências adolescentes confrontadas ao mundo adulto, nem tampouco assintonia de gerações (p.4).

Assumimos que tipologias distintas de jovens vão se manejando no cenário escolar, convivendo com as ofertas das políticas educacionais e formativas que se presumem ser hegemônicas e, enquanto receptores vão negociando mais sentidos e significados de mundo e vida. Isto sendo formula-se um problema: como as tribos urbanas, existentes no universo escolar, interagem com as tecnologias da informação e da comunicação para se caracterizarem/identificarem e o que elas vêm propondo para as mudanças das práticas escolares formativas e como a escola vem percebendo essa movimentação?

1.3 Objetivo e questões norteadoras

Estabelecemos como objetivo de pesquisa: compreender as tribos urbanas, existentes no universo escolar, na contemporaneidade, como conjuntos sociais diversificados e suas (inter)ações com as tecnologias de informação e comunicação.

A nossa pesquisa caminhou pelas seguintes questões norteadoras: a) as tribos urbanas, cada vez mais inseridas nos espaços escolares, se apropriam de elementos estéticos, linguagem, estilo de vida e formas de apreender o mundo a partir das TIC; b) no universo escolar se verifica um distanciamento do pensar-refletir as diversas formas de apreensão do mundo pelas tribos urbanas a partir das tecnologias de informação e comunicação; c) novos formatos formativos estão entrando no universo escolar, a partir das tribos urbanas, regidos por negociações midiáticas e alavancados pelas TIC.

Estilos de vida, possibilidades de outros comportamentos, representações estéticas, usos e manejos das TIC entre conflitos e confrontos curriculares são possibilidades abertas para investigar a juventude, a partir das tribos que se encontram no espaço do Centro de Ensino Médio de Palmas - CEM, e contribuir para o aprofundamento dos estudos que visam compreender estas novas possibilidades de estar no mundo pelos jovens por suas lógicas de reconhecimento frente à tecnologia e à educação como um todo.

1.4 Metodologia no campo

A pesquisa de campo foi realizada no CEM de Palmas. De forma específica, trabalhamos com jovens de 14 a 24 anos. Nesse universo, mediante observação, informações

e entrevistas como procedimentos básicos para a coleta de dados visaram compreender a realidade empírica e cotidiana dos grupamentos juvenis que se assumem com tribos. Para a identificação da “tribo” consideramos as características sociais (idade, gênero, situação econômica, étnica e uso das TIC).

A escolha pelo estudo qualitativo se faz pela necessidade de obtenção de dados descritivos dos grupamentos juvenis a partir do seu ambiente e do processo de construção das relações com as tecnologias da informação e da comunicação. O contato direto da pesquisadora com o grupo estudado proporcionou um entendimento além do produto, mas com a preocupação de como se processam as interações cotidianas dos mesmos com as TIC, buscando retratar as “perspectivas” dos seus membros, considerando seus diferentes pontos de vista. Nossa pretensão foi descobrir novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade.

A observação direta permite também que o observador chegue mais perto da “perspectiva dos sujeitos”, um importante alvo nas abordagens qualitativas. Na medida em que o observador acompanha *in loco* as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações (LUDKE E ANDRÉ, 2004 p. 26).

Nesse percurso, dar voz aos sujeitos nos possibilitou a compreensão sobre as possibilidades dessas tribos estarem imersas em um mundo mediado pelos dispositivos tecnológicos comunicacionais, que vem possibilitando-lhes apropriações múltiplas. Para tanto, acreditamos que a entrevista semi-estruturada, na qual o pesquisador organiza as questões em torno do tema estudado, mas permite que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo, foi adequada para que se pudesse estabelecer um diálogo contínuo com os membros das tribos acerca das suas experiências com as TIC.

A entrevista é um rico e pertinente recurso metodológico na apreensão das realidades humanas, na medida em que toma como premissa irremediável que o real é sempre resultante de uma conceituação; o mundo é aquilo que pode ser dito, é um conjunto ordenado de tudo que tem nome, e as coisas existem através das denominações que lhes são emprestadas (MACEDO, 2000, p.165).

A investigação também foi enriquecida com o levantamento bibliográfico de teóricos que discutem a relação tribos urbanas e tecnologias da informação e comunicação que serviu de suporte para a observação em relação ao objeto estudado, centrando o nosso olhar nos aspectos relevantes, que pode, inclusive, nos ajudar a descobrir aspectos novos. Nessa observação direta nosso olhar esteve atento aos membros da tribo e às situações que os envolvem nas atividades culturais e sociais (linguagem, estética, estilo de vida, vocabulário, simbolismos...) e tecnológicas.

Segundo Gorczewski (2005, p. 113), as TIC vêm despertando um certo encantamento nos modos de viver, conhecer e comunicar na sociedade, principalmente em meio aos grupos juvenis. Jovens que procuram a diversão na imagem em movimento seja via o *videogame*, o videoclipe, o cinema e, mais recentemente, a tela do computador.

E os diversos grupamentos vêm encontrando nas redes de conectividade espaços livres para as manifestações das várias tribos, reforçando assim suas atuações sociais. Para Palácios (1999), ignorar as novas formas de comunicação e seus efeitos equivalem a abdicar da compreensão das formas do existir social contemporâneo.

1.5 O texto e suas lógicas

Procuramos na construção desta investigação instaurar uma estratégia dialógico-textual que não desrespeite todo o conjunto normativo acadêmico para a produção acadêmica específica, mas que possibilite aos leitores-sujeitos sócio-educativos das unidades escolares uma leitura e imersão naquilo que propomos. Dessa maneira, assumimos uma postura didático-relacional. Na Introdução – apresentamos nossos deslocamentos, movimentos de aprendizagem teórica e exposição dos contextos, problemática, objetivo e questões que nos nortearam. Em determinados momentos, propositalmente, não enfatizamos determinadas angulações, pois elas se encontram organizadas nos corpus de cada capítulo.

Assim, no Capítulo I procuramos resgatar determinados conceitos, conceptualizações e angulações sobre tecnologia(s) e convergência midiática para agregar maior entendimento aos processos de fruição da juventude na sociedade contemporânea.

No Capítulo II, a partir da sinalização teórica de vários pesquisadores procuramos discutir juventude-adolescência e a configuração das tribos urbanas, em parte ampliando e esclarecendo as inquietações presentes nas questões norteadoras.

No Capítulo III, trabalhamos o contexto da pesquisa, Centro de Ensino Médio de Palmas e os nossos interlocutores, inclusive, analisando os resultados obtidos.

Por fim, na conclusão apresentamos algumas considerações necessárias para o entendimento mais aprofundado das mentes diáfanas e não mentes-caixas vazias no universo escolar.

CAPÍTULO I – TECNOLOGIAS, CONVERGÊNCIA MIDIÁTICA E FRUIÇÃO DA JUVENTUDE NA CONTEMPORANEIDADE

Numa *lan-house* ou cibercafé, na 122 Sul de Palmas¹, em meio aos jovens trabalhadores e também àqueles desempregados, sob um sol de 40º graus, às 14:00 horas de um sábado à tarde, escuta-se: “fais o daouloude e vê se tu consegue fazer um upigreidi”. Em outro cibercafé, na área residencial norte – 307 (ARNO 33), outro contingente de jovens busca “opilouds”², para selecionar trilhas sonoras para celulares pré-pagos.

As lojas de computadores conectados à internet se diferenciam das salas de aula informatizadas das propostas de inclusão digital, defendidas e aplicadas nas escolas estaduais e municipais na cidade de Palmas. Uma outra frequência de sons, falas, imagens, comportamentos e expectativas pode ser detectada nesses micro-universos, distintos dos ambientes esteticamente higienizados das escolas sob os Programas de Gestão Escolar. Entre “opilouds”, “daouloude” e “upigreides” dos jovens da 122 Sul e da 307 Norte, com seus tênis simulacros da “Nike”, “Adidas”, seus grandes calções e camisetas à *rappers* estadunidenses, vai-se dando conta de que convergências midiático-tecnológicas ocorrem em temporalidades distintas, nos espaços micro societários e nos escolares.

Existe um consumo que, se observado numa ótica crítico-reprodutivista, que compreende o indivíduo como resultado das influências das ideologias hegemônicas no contexto social, poderia sinalizar um estado de alienação desses jovens. Para outro olhar, no entanto, esse consumo não é senão fonte de fruição e sinalizador de outros processos de construção do conhecimento e maneiras de estar no mundo.

Nesse exercício de observar o manejo da tecnologia digital pelos jovens, compartilhamos um lembrete preocupado de Denis de Moraes (2006), quando relaciona circuito infoeletrônicos, ambientes virtuais e transmissões convulsivas com a capacidade de

¹ O município de Palmas, capital do Estado do Tocantins, possui um traçado urbano e configuração espacial próximos ao de Brasília – DF: os tradicionais setores, bairros, vilas, jardins e o centro da cidade dão lugar a siglas que designam as áreas residenciais, comerciais, industriais norte, sul, sudoeste e noroeste. Com 16 anos de existência, as nomenclaturas para o Plano Diretor da Cidade vêm se modificando. Na atualidade, ao se mencionar a 122 Sul faz-se referência à área comercial e residencial que dista 12,2 km do eixo central da cidade. Essa área é considerada periférica. Sua população dispõe de um baixo nível de renda.

² Determinados termos técnicos da informática, originários da língua inglesa, ao serem utilizados pelos jovens palmenses, ganham uma inflexão sonora pitoresca. Neste texto, procura-se evidenciar essas inflexões, quando das transcrições das falas do grupo observado nesta investigação.

reter a profusão de estímulos e ofertas postos por eles: “Navegamos, insaciáveis, por circuitos infoeletrônicos e ambientes virtuais. Somos privilegiados por transmissões convulsivas, mas não conseguimos reter tanto estímulos e ofertas” (p.33).

Em meio a essa preocupação e tendo em vista os ambientes tecnologizados freqüentados pelos jovens, neste capítulo, recuperamos determinados conceitos e angulações sobre tecnologias e convergência midiática, para agregar mais contributos ao entendimento da fruição da juventude contemporânea.

1.1 Uma aproximação necessária com o sentido de tecnologia

No universo acadêmico, existe uma profusão de discursos sobre a tecnologia ou as tecnologias. De um lado, defensores incontestes de suas benesses promovem eloqüentes discursos; de outro, grupos coesos (ou não) elaboram críticas sobre os perigos tecnológicos. Repete-se o maniqueísmo entre tecnotópicos e tecnofóbicos (RIBEIRO, 1999)³, sem levar em conta que jogos de forças e interesses políticos e econômicos, presentes na esfera tecnológica, fazem-na oscilar entre os anúncios de um futuro paradisíaco (utópico) ou apocalíptico-infernal (distópico).

Ao conhecer esse jogo de discursos e suas comunidades produtoras, procuramos superar, pelo exercício teórico-reflexivo, as perspectivas tecnotópicas e tecnofóbicas de compreensão da tecnologia e construir uma outra rota reflexiva, a partir dos diálogos e confrontos acadêmicos e da leitura das obras de Zygmunt Bauman (2003), Paula Sibilia (2002), Jésus Martín Barbero (1997), Edvaldo Couto (2003), Manuel Castells (2003), Lúcia Santaella (1997), André Lemos (2004), Vani Kenski (2004) e Pierre Levy (1999), sem desconsiderar as sinalizações de outros autores.

Na busca das raízes etimológicas e do conteúdo semântico do vocábulo tecnologia, deparamos com a primeira menção do termo no livro *Technology, a description of arts, specially the mechanica* (Tecnologia, uma descrição de artes, especialmente as mecânicas)

³ O antropólogo Gustavo Lins Ribeiro (1999, p. 3) assim distingue os dois conceitos: “a tecnotopia, caudatária da ideologia do progresso e de uma visão evolutiva da história da tecnologia (especialmente a partir da Revolução Industrial) é hegemônica e, neste momento de crises de utopias, é, em larga medida, o grande metarrelato salvífico do mundo contemporâneo. [...] a tecnofobia [é] marcada pela desigualdade da distribuição sócio-política-econômica do acesso à tecnologia e por um imaginário onde coabitam discursos alternativos ou cosmologias mágico-religiosas com seus demiurgos, [...]”.

publicado no ano de 1706. De acordo com *Oxford English dictionary* (Oxford, Clarendon Press, 1961), o termo possui muita proximidade com seu sentido grego inicial: tecnologia - arte e ofício de um fazer. Isso nos faz assumir, a partir da consideração de Ponce (2004), que a tecnologia é o conjunto de conhecimentos, argumentos e razões em torno de uma arte, de um fazer determinado, cujo objetivo é satisfazer as necessidades humanas.

Essa aproximação com a *techné* grega diminuiu, quando o espírito enciclopedista-iluminista francês, encontrado na *Encyclopédie*, associou a noção de tecnologia à exploração racionalizada das artes e dos ofícios. Com a racionalização pelo científico, a tecnologia passou de processos de um fazer mecânico ou industrial a fator determinante desse processo (CORREIA, 1999). Nessa rota de aperfeiçoamento, a tecnologia, passo a passo, foi auxiliando o homem a criar mais e mais máquinas. Essas máquinas são distintas umas das outras pelo uso e pelas possibilidades de construir novos conhecimentos na relação homem-mundo. A utilização do binóculo, do microscópio, do telescópio, da máquina fotográfica, por exemplo, reproduz o funcionamento de um órgão sensorio humano, ampliando a sua capacidade de ouvir ou visualizar. São máquinas produtoras de signos, que, capturados da realidade, devolvem ao mundo imagens e ecos daquilo que vemos ou ouvimos.

De um lado, roubam pedaços da realidade, de outro, mandam esses pedaços de volta, cuspidos para fora na forma de signos. [...] além de duplicadores [...] são também reprodutores, gravadores *ad infinitum* dos fragmentos que registram. Além de replicantes são, sobretudo, proliferantes, dotados de um alto poder para a proliferação de signos (SANTAELLA, 1997, p. 38).

No seu trajeto histórico, a tecnologia foi assumindo a condição de impulsionadora de processos de transformação da vida e das sociedades humanas. Desde a Pré-História, o homem tem procurado criar artefatos ou máquinas que substituam seu trabalho manual, como a pá e a enxada. Essas ferramentas ampliavam o alcance de seus braços ou realizavam atividades que seu corpo não podia executar. A necessidade de sobrevivência exigia do homem formas inteligentes para superar os obstáculos impostos pela natureza. Com a invenção da roda, o ser humano modificou seus hábitos de locomoção e interveio na relação deslocamento, espaço e tempo. O homem se tornou um inventor, um demiurgo, um profanador do universo sagrado: não mais recebe, agora inventa (LEMOS, 2004). Sua prática permitiu um pensar social sobre a tecnologia.

A tecnologia, como fenômeno social, está visceralmente ligada à origem do indivíduo e à instauração dos sistemas técnicos que o ajudaram a proteger sua vida, reorganizar seu espaço físico e imprimir melhorias ao ambiente em que estava inserido. Buscava-se, com a técnica, a sobrevivência e a compreensão do mundo, numa concepção imitativa da natureza, “segundo moldes cedidos por deuses ancestrais” (LEMOS, 2004 p. 39). Prometeu, entregando o fogo aos humanos, e Ícaro, entregando-se à morte pelas asas confeccionadas pelo seu pai (MARTINS, 2005), por exemplo, deixaram para a história humana narrativas sobre a estreita relação do homem com a técnica.

Séculos mais tarde, o mundo ocidental, ao romper os laços com a teologia cristã e superar o poder das instituições eclesiais, engendra uma modernidade filosófica, política, econômica e cultural. Nessa modernidade⁴, a tecnologia foi pensada como “um conjunto de conhecimentos e informações organizados, provenientes de fontes diversas como descobertas científicas e invenções, obtidos através de diferentes métodos e utilizados na produção de bens e serviços (CORREIA, 1999, p. 250)”. Uma tecnologia implicada nas questões capitalistas, desenvolvidas a partir da industrialização. Além disso, essa tecnologia está vinculada ao desenvolvimento da técnica, como uma plataforma funcional para agregar valor e a satisfazer determinadas necessidades econômicas, da produção, da alimentação e de um mercado cada vez mais competitivo. De acordo com Rifkins (2001, p. 155),

Os modernistas introduziram a idéia de progresso. A Era Dourada, eles alegavam, não está em um passado distante, mas em um futuro negociável. A inventividade e a vontade humanas, e não a intervenção divina, levariam a humanidade a um novo paraíso terrestre – um mundo utópico de abundância material.

A Revolução Industrial, junção das transformações nos campos econômico, técnico, social e intelectual, provocou, entre 1760 e 1869, o surgimento da sociedade industrializada na Grã-Bretanha, na qual o pensar e o refletir as técnicas, no prisma científico, ganham um outro dimensionamento. As máquinas a vapor, as eletromecânicas e tantas outras substituíram a força física humana.

⁴ “A idéia de modernidade está ligada ao próprio nascimento da filosofia ocidental. Modernidade significa um modo de pensar e julgar o tempo. [...] é uma maneira de estar no tempo e no espaço, vivida de forma diferente pelas civilizações míticas tradicionais. [...] Max Weber define a modernidade como o processo de racionalização da vida social no término do século XVII” (LEMOS, 2004: 61).

As máquinas, introduzidas pela Revolução Industrial, maravilharam nossos antepassados porque eram capazes de substituir a força física do homem. Primeiramente pela utilização do vapor, e, mais tarde, pela utilização da eletricidade, a energia da máquina foi posta a serviço dos músculos humanos, livrando-os dos desgastes (SCHAFF, 1991, p. 22).

Esse processo de tecnificação foi ampliado nos períodos pós-revolução industrial. Segundo Lemos (2004, p. 61), “abriu as vias para a industrialização e a modernização global do Ocidente, [...], integrando a economia capitalista, o desenvolvimento industrial e tecnológico”. Para a manutenção da produtividade desse novo momento, tornou-se necessária a formação técnica dos profissionais diretamente envolvidos com a produção. Os processos de formação do indivíduo, portanto, passaram a obedecer às injunções da tecnologia. O ser humano deveria ser como uma máquina, concebida como um dos baluartes do avanço da civilização. Refletir sobre sua ação frente à tecnologia era uma habilidade ausente em sua formação técnica.

Nunca se falou tanto em tecnologia como nas últimas décadas do século XX e neste início do século XXI. É como se ela fosse uma invenção do último século. Expressões como cibercultura⁵, novas tecnologias⁶, era tecnológica⁷, redes telemáticas⁸, geração digital⁹ e

⁵ “Forma sócio-cultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base micro-eletrônica que surgiram com as convergências das telecomunicações com a informática, na década de 70” (LEMOS, 2003, p.12).

⁶ Embora o conceito de novas tecnologias não seja plenamente aceito entre os pesquisadores e pensadores contemporâneos (Santaella, Pretto), adota-se o termo “novas” justamente pela convergência técnica da computação e da comunicação nas esferas institucionais e sociais.

⁷ Expressão questionada por Kenski (2004, p. 19), uma vez que a autora afirma que todas as eras correspondem ao predomínio de um tipo de tecnologia. Todas as eras foram, portanto, cada uma à sua maneira, “eras tecnológicas”.

⁸ Essas redes marcariam o fim da centralidade das informações nos meios massivos e estabeleceriam outras vias comunicacionais e, conseqüentemente, outras formas de relacionamentos. Dentre elas o *e-mail* - que modificou a prática das trocas de correspondências, nas esferas pessoal e profissional; os *chats* - espaço de sociabilidades que vem substituindo, gradativamente, os espaços públicos das praças e dos *shoppings*, enquanto locais de encontros; os *muds* onde os indivíduos simulam espaços de jogos e compartilham, com outros, de situações inusitadas, em tempo real; as *lan house* - estádios e arenas virtuais, que, além de espaços de *games*, propõem inclusão digital e democratização dos acessos à informação, e o telefone celular - que além de promover a inclusão digital, é um meio que favorece a atualização e o papel ativo na obtenção da informação. Essas e outras “novas” mídias marcam o momento contemporâneo e têm na descentralidade da informação e nas ações dialógicas com outros usuários, em tempo real - o que chamamos de processos interativos - sua primeira marca característica.

⁹ É a geração que mais teve acesso à informação até hoje, fazendo uso das diversas possibilidades das mídias digitais, principalmente da internet.

tantas outras se fazem presentes nas discussões, nas pesquisas e nos estudos que objetivam entender e explicar o momento contemporâneo.

O mundo vem passando, desde a metade do século XIX, por uma nova dinâmica técnico-social, marcada pelo surgimento das grandes inovações midiáticas, como o telégrafo eletrônico, o telefone e o cinema. No século XX, com as mídias de massa, como o rádio, o filme e a televisão, a fase da comunicação de mensagens e imagens passou a imprimir à sociedade impactos sem precedentes. Nesse cenário, marcas de uma era sob o predomínio das tecnologias, a partir da fusão das telecomunicações analógicas com a informática, tendo o computador como suporte, foram se fazendo sentir. Inicia-se uma nova revolução, denominada de digital que

implica, progressivamente, a passagem do *mass media* (cujos símbolos são a TV, o rádio, a imprensa, o cinema) para formas individualizadas de produção, difusão e estoque de informação. Aqui a circulação de informações não obedece à hierarquia da árvore (um-todos), e sim à multiplicidade do rizoma (todos-todos) (LEMOS:2004 p.68).

As formas individualizadas de produção, difusão e estoque de informações, interligadas e interconectadas, possibilitaram navegar, em qualquer tempo e em qualquer lugar, alcançando, inclusive, os centros de produção de conhecimento que lhes dão origem, num processo interativo e numa velocidade superior as imaginadas pelo homem. O advento das tecnologias comunicacionais contemporâneas inaugurou uma estrutura social que Pretto (1999) denomina de “sociedade da comunicação generalizada ou sociedade rede”, que, ainda segundo o autor, “rede não mais como malhas ferroviárias, mas malhas óticas e eletromagnéticas, [...] elementos estruturadores de territórios, de novas formas de agir, pensar, sentir” (s/p).

Essa intensificação tecnológica perpassa, articula e condiciona o estágio atual do modo de produção capitalista: a capacidade de acumulação financeira, por mediação de dispositivos eletrônico-digitais, transcendeu os moldes clássicos das operações econômicas na sociedade. A tecnologia e sua configuração em sistemas tecnológicos potencializaram o sistema capitalista para a plena realização de sua vocação expansionista, pois a velocidade dos fluxos de informação e transações ultrapassa as expectativas de um comércio globalizado (RIFKINS, 2001). Na tecnologia contemporânea, a busca de mais e maior lucratividade com

menor velocidade, pelas interconexões eletrônicas, e a informação, como base de manutenção dos poderes dominantes, tornaram-se recurso básico para a gestão das sociabilidades humanas.

Memória, cultura e propriedade são noções impactadas pelo avanço das tecnologias. Se antes sua perpetuação exigia o concurso da memória, compreendida como componente da inteligência, hoje exige a utilização de ferramentas colocadas à disposição dos indivíduos e das culturas pelo mundo tecnologizado e globalizado. Da memória cognitiva tradicional, passou-se a conviver, pós-modernamente,¹⁰ com a memória de acervos e arquivos digitais da cultura, como filmes, DVDs, CDs, jornais, emissões televisivas e livros. Há, além disso, uma sensação de que não existe horizonte, tudo é fragmentado e cheio de interrupções e as noções de tempo e espaço estão subvertidas:

[...] tampouco há continuidade entre ações, nem pausas, nem atalhos, nem linhas, nem passado, nem futuro. Vemos apenas o clamor de um presente desigual e fragmentário. Está cheio de surpresas e sensações, mas não aparecem em lado algum suas conseqüências ou seus resultados. Nada flui livremente; há apenas interrupções (BERGER, 2004, p. 218).

Nesse contexto de transformações da tecnologia, as palavras de Berger impõem uma pergunta: se a convergência midiática consiste na agregação dos mais diferentes tipos de ferramentas num mesmo artefato tecnológico, o que significa a sociedade da informação?

1.2 A convergência midiática

A convergência midiática vem se tornando, cada vez mais, tema de reflexão nos meios acadêmicos e tecnológicos no início deste século XXI. Fenômeno e processo simultâneos na sociedade contemporânea, seus conceitos dependem da opção teórico-metodológica e da focalização econômica ou político-social. Conscientes disso, procuraremos explicitar alguns conceitos e instâncias próprios do universo midiático: relação fenômeno-processo, mídia, práticas e consumo digitais.

¹⁰ “O pós-modernismo [...] é construído sobre um conjunto totalmente diferente de pressupostos sobre a natureza da realidade. [...] os acadêmicos pós-modernos rejeitam toda idéia de uma realidade fixa e cognoscível. [...] o simples ato de fazer observações leva o observador a participar diretamente com o objeto de sua investigação, provocando, portanto um viés nos resultados (RIFKINS, 2001, p. 156-157)”.

Usos e abusos de artefatos, utensílios e máquinas (manuais, motoras, eletrônicas e digitais) estão registrados em atas, depoimentos e documentos das sociedades escreventes do mundo ocidental, bem como em sua memória e oralidade. Cada vez que uma sociedade utiliza com mais vigor e frequência uma técnica ou tecnologia, criam-se, sobre elas, narrativas diferenciadas, abençoando-as ou maldizendo-as, em função dos interesses econômico-sociais que determinam sua utilização.

Ao tomar a convergência midiática como objeto de estudo, percebemos que narrativas “benditas e malditas” também são construídas sobre ela. Isso acontece porque a convergência midiática, resultado da agregação de várias mídias no mesmo artefato tecnológico, facilita usos e abusos da mídia e das tecnologias da informação para gerar males como violência, racismo, práticas sexistas e etc. Os produtores dessas narrativas pertencem à mesma sociedade que cria e utiliza as benesses produzidas pela convergência midiática.

De acordo com Fragoso (2005), a convergência midiática deve ser compreendida em duas dimensões: a dimensão cultural, de produção e difusão de sentido, capaz de construir significativos para comunidades interpretativas, e a dimensão tecnológica, que transcende as técnicas de transmissão para a construção e consumo de significados e garante os processos de formação técnica que geram ritos sociais compartilhados e aceitos publicamente.

A convergência midiática expressa a união do telefone, computador, TV a cabo/satélite e empresas de mídia para a invenção e controle do futuro das comunicações. No atual momento, essa união ocorre sob uma única rede digital e uma economia da informação (STRABHAAR e LAROSE, 2004). Por meio dessa união, vemos e vivemos, aparentemente, o que está ocorrendo no mundo. Produtos eletrônicos e computadores – softwares e hardwares – as redes de TV, os estúdios de cinema, os produtos de fruição estética – filmes, utensílios, mobiliários etc. – e a telefonia móvel apresentam-se como a grande possibilidade de estarmos em todas as partes, mesmo nos não-lugares globalizados. Os elementos constituintes da convergência midiática, tais como as estratégias de conteúdos para explorar e otimizar sinergias para o consumo massivo (relação empresas-produto-personagens), a formatação para distintos meios (internet, celular, TV, cinema, computador etc.), as políticas públicas e a distribuição das redes telecomunicacionais não são apresentados publicamente. Ao contrário, esses elementos são exclusivos das empresas que os criam e os colocam no mercado.

Nessa economia da informação, a base econômica não é mais a agricultura ou a indústria, mas a própria informação. Como informação, nas mais das vezes, sugere mídia, necessário se faz compreender, também, o significado desse termo na expressão convergência

midiática. A origem etimológica do termo mídia é o substantivo latino *medium* (meios) que, para Sodré (2006), é uma canalização, cuja ambiência estrutura códigos próprios, não permitindo que a informação seja exclusividade de um único canal ou veículo de comunicação e dos aparatos sócio-político-ideológicos que lhe dão sustentação.

Não existe uma cronologia linear para traçar a origem do uso da palavra mídia. Acredita-se, no entanto, que ele tenha se iniciado com as primeiras pesquisas estadunidenses sobre os *mass-media*, no campo político, entre as décadas de 20 e 40 do século XX. Nesse período, surge a pesquisa em comunicação, concretizada, principalmente, pela ausência de um campo acadêmico, consolidado, em torno da chamada “comunicação de massa”. Os estudos centravam-se ora nos meios de comunicação, ora na cultura de massa ou sociedade de massa. A fundamentação teórica das investigações migrava de outros campos do conhecimento, como a sociologia, a ciência política e a psicologia. Os princípios dessas ciências auxiliam na compreensão dos efeitos que a mídia exercia sobre as pessoas, por meio das mensagens veiculadas pela imprensa e pela propaganda (LIMA, 2001). Contemporaneamente, convencionou-se usar a expressão *meios de comunicação de massa*¹¹ como sinônimo de mídia, dando a essa palavra uma dimensão globalizante, na medida em que integra rádio, televisão, cinema e imprensa.

No Brasil, o uso generalizado da expressão mídia data da década de 1990, a partir do aprofundamento dos estudos no campo da comunicação política. Com a transição democrática e os usos da máquina eleitoral midiática no Governo Fernando Collor de Mello, esses estudos foram intensificados. A palavra mídia recebeu destaque e passou a ser empregada com sentidos diversos, entre eles o de jornalismo, de veículo de comunicação, de grande imprensa etc. (GUAZINA, 2004). O termo ganhou, também, espaço no campo acadêmico e,

[...] muitos autores brasileiros de Comunicação e Política se referem à mídia quando a utilizam, ainda que a maioria não a defina conceitualmente em seus trabalhos e prefira o subentendimento do significado do senso comum. Porém a falta de uma discussão conceitual consistente sobre o termo mídia não impediu seu uso, pelo contrário. As mudanças históricas na Comunicação e a sofisticação do aparato tecnológico contribuíram para o fortalecimento do

¹¹ “Constituem simultaneamente um importante setor industrial, um universo simbólico objeto de consumo de massa, um investimento tecnológico em contínua expansão, uma experiência individual cotidiana, um terreno de confronto político, um sistema de intervenção cultural e de agregação social, uma maneira de passar o tempo (um entretenimento) etc.” (WOLF, 1987, p.09).

uso do termo mídia como um conceito-ônibus¹² que pode significar uma gama de fenômenos, acontecimentos e transformações que envolvem a política, o jornalismo, a publicidade, o marketing, o entretenimento, nos diferentes meios (p.5).

Na universidade, o vocábulo mídia exigiu dos pesquisadores uma compreensão mais voltada para o lugar que a mídia ocupa no mundo atual, o que favoreceu o processo de explicitação desse conceito (mídia), até então pouco trabalhado e menos compreendido ainda. Nessa perspectiva, Lima define mídia como “[...] conjunto das emissoras de rádio e de televisão (aberta e paga), de jornais e de revistas, do cinema e das outras diversas instituições que utilizam recursos tecnológicos na chamada comunicação de massa” (LIMA, 2001, p. 7).

A mídia passou por significativos processos de transformação e acelerou os avanços tecnológicos que envolviam os aparatos comunicacionais. Nesses processos, alterou, inclusive, a natureza da comunicação massiva. O ponto chave dessa alteração é a revolução digital: a digitalização reduziu os textos, as imagens e os sons a *bits*, dando origem à técnica da convergência midiática, modos de codificação, de possibilidade de empacotar, em um único formato ou suporte, elementos que, originalmente, pertencem a categorias semióticas distintas (FRAGOSO, 2005).

Na prática, trata-se da possibilidade de utilizar uma mesma unidade de armazenamento [...] para guardar indiferenciadamente e ao mesmo tempo o texto de uma carta em andamento, um conjunto de imagens fotográficas e uma seqüência melódica. Hoje, a própria idéia de utilizar suportes diferentes para cada uma dessas coisas chega a parecer absurda, mas basta pensar há quanto pouco tempo uma carta era algo que demandava papel e tinta; uma foto precisava de filme, papel especial e reveladores químicos e trechos de música eram gravados em fita cassete para compreender o furor causado pela multimídia na passagem dos anos de 1980 para os 1990 (p.17).

A convergência midiática, em constante desenvolvimento, vem rompendo com as tradicionais fronteiras entre as telecomunicações, a comunicação de massa e a informática. Essa expansão de limites possibilita a sinergia entre as diferentes mídias e substitui, de forma acelerada, o sistema analógico pelo digital. Favorece, conseqüentemente, o surgimento de uma nova mídia, sustentada pelos cabos óticos, satélites ou radiodigitais. A nova mídia não resulta

¹² “Parodiando Bourdieu (1997), que se referiu aos fatos-ônibus (omnibus no sentido de ‘para todo mundo’) apresentados na televisão que ‘formam consenso, que interessam a todo mundo, mas de um modo tal que não tocam em nada importante’ (p.23)”

do surgimento de um novo instrumento, mas da criação de um novo espaço, “ambientes de mídia”, resultado da “migração das estratégias e finalidades comunicativas que hoje identificamos com o rádio, a televisão e os meios impressos para as redes digitais de comunicação (não raro, ainda mais restritivamente, para a *world wide web*) (FRAGOSO, 2005, p.18)”. Esse novo espaço responde pela hibridização das formas midiáticas.

A hibridização das formas midiáticas, ainda segundo Fragoso (1998), engendra modificação na distribuição de informações. Passa, assim, a fornecer “[...] produtos de som (voz), imagem (vídeo) e produtos impressos num canal eletrônico comum (único), muitas vezes em formatos interativos bidirecionais que dão aos usuários (consumidores) mais controle sobre quais serviços eles recebem, quando obtê-los e em que forma obtê-los” (1998, p.23). Esse sistema multimídia decreta a morte dos antigos mecanismos de produção e transmissão de dados, comuns aos meios convencionais de comunicação. Além disso, favorece ao usuário a liberdade necessária para selecionar e controlar a forma de consumo de um produto midiático. Esse avanço tecnológico, fundamentado nas interfaces digitais, tem na nova geração os principais consumidores e legitimadores da sua própria evolução.

1.3 A fruição da juventude na contemporaneidade

No Brasil, uma primeira geração digital pode ser localizada nos anos de 1980, quando ocorre a consolidação dos parques industriais, interligados por redes de comunicação e satélites. Nessa década, parte da sociedade começava a usufruir, cotidianamente, de diversos produtos de consumo enxertados de tecnologia. O mercado publicitário preconizava a inauguração de uma sociedade digital com o “*boom*” da informática e a pseudo popularização do computador pessoal. Houve o mito de que todos possuíam condições para adquirir e se beneficiar do desenvolvimento das tecnologias. Essas novas tendências tecnológicas passavam a fazer parte da vida das pessoas e, na medida em que eram introduzidas nos diversos campos da atividade humana, naturalizavam-se.

Nesse cenário, as relações dos jovens constroem-se por meio das tecnologias, o que lhes possibilita absorver, com naturalidade, hábitos e costumes diferentes dos de seus

país¹³. Tapscott (1999), mais tardiamente, deu o nome de *N-Gen* a essa geração, jovens que, independentemente do estrato social, estão cada vez mais cercados pela mídia, particularmente, a digital. Aparatos como *videogames*, CD-ROMS, telefones celulares, máquinas fotográficas ou de filmar ficaram comuns, para os jovens, com seus *bits* e *bytes*. Uma nova cultura transcedeu a cultura das músicas, dos filmes ou dos programas televisivos. Para Tapscott,

é uma nova cultura no sentido mais amplo, definida como os padrões socialmente transmitidos e compartilhados de comportamento, costumes, atitudes e códigos tácitos, crenças e valores, artes, conhecimento e formas sociais. Esta nova cultura está arraigada na experiência de ser jovem e também de fazer parte da maior geração de todos os tempos. Porém, mais importante, é a cultura que está se originando do uso da mídia interativa por parte dos N-Gens (1999, p.53).

Para esses jovens, a “prática de ordem” é a interação com os seus pares, por intermédio das tecnologias contemporâneas, que, operando no sistema *on-line*, permitem, rotineiramente, um novo estar e ser no mundo e, conseqüentemente, uma outra relação social. Meninos e meninas se comunicam, estudam, consomem e brincam em ambientes comunicacionais completamente interativos e nada solitários. Participam de jogos virtuais com outras pessoas, conectadas em qualquer parte do planeta, baixam filmes e músicas na internet ou nos aparelhos celulares e compartilham com membros de sua tribo, discutem temas da atualidade em *chats*, *msn*, pedem ajuda para a produção de um trabalho escolar, enfim vivem a “cultura da atualidade, que está intimamente ligada à idéia da interatividade, de interconexão, de inter – relação entre homens, informações e imagens dos mais variados gêneros (COSTA, 2003, p. 8)”. Uma geração extremamente adiantada na adoção de vias digitais de comunicação, que enxerga as novas mídias como algo natural, inerentes ao mundo em que vive.

[...] estas mídias possuem características tais como interatividade, poder de interconexão, comunicação e socialização, o que as torna atraentes a um grupo especial de sujeitos: os adolescentes, seus maiores usuários. Os

¹³ Existe uma idéia baseada em senso comum que tudo se deu repentinamente, pois o “boom” publicitário defendia isso. Mas cada geração possui uma história de consumo midiático a partir da década de 1980, variando desde a fruição/lazer dos fliperamas aos vídeos-games, dos formatos de tapes musicais aos vídeo-clips etc.

adolescentes constituem uma geração imersa em interfaces tecnológicas e usuária das novas mídias digitais. A internet e os aparelhos celulares cheios de funções e possibilidades comunicativas são as mídias mais usuais deste grupo na sociedade atual (SANTANA, 2006, p. 2).

Poder-se-ia considerar que a fruição de mídias convergentes pela juventude está gerando culturas distintas das culturas das gerações passadas? Acredita-se que sim: ao se assumir essas novas culturas, inaugura-se um processo de construção de uma nova identidade dissidente juvenil, não sendentária nem preguiçosa, mas multicolorida e rica de significações, não necessariamente encontráveis nos enunciados lógicos ou categoriais, mas fora deles: nos corpos, na moda, nas marcas no corpo, na maquiagem, na linguagem, no inanimado que nos confunde com o animado, provocando um sentimento perturbante e desestabilizador e que seduz na contemporaneidade.

Reconstituído, neste capítulo, o percurso de existência da tecnologia, de sua origem até a convergência midiática, e discutida a problemática da fruição, pela juventude, das ferramentas disponíveis no mundo tecnologizado, nosso próximo passo é responder a seguinte questão: de que maneira jovens com identidades dissidentes, resultantes da inserção em culturas extremas, convivem no universo educacional palmense?

CAPÍTULO II - ENTENDIMENTO SOBRE ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE NOS UNIVERSOS TOCANTINENSE E PALMENSE A PARTIR DAS LEIS, DAS CIÊNCIAS MÉDICAS E DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

As políticas públicas brasileiras da atualidade concentram grande parte da literatura sobre adolescência e juventude, em razão da presença de estudiosos das áreas de direito, da sociologia, das ciências da saúde, da psicologia, da antropologia e da comunicação na discussão e gerenciamento das políticas do Estado, a partir dos anos pós-ditadura militar. O campo da educação, no entanto, não apresenta uma teorização substantiva sobre adolescência e juventude. Muito ainda tem que se construir: as reflexões e as pesquisas acadêmicas absorvem, em parte, contribuições das áreas de origem dos profissionais envolvidos com as políticas públicas, sem se ater aos fenômenos do cotidiano do universo escolar. Enquanto isso, os grupamentos juvenis vão estabelecendo outros posicionamentos e construindo sociabilidades diferenciadas com seus pares, famílias e instituições, com a presença das tecnologias da informação e da comunicação.

O presente capítulo pretende levantar e apresentar parte os estudos sobre as diferenciações entre adolescência e juventude para compreender a manifestação de “culturas” juvenis no município de Palmas, catalisadas e mediadas pelas tecnologias desde o espaço escolar-formal. A tarefa envolve contribuições de autores da psicologia, da sociologia, da medicina e com certo viés jurídico. Contudo, vai se estabelecendo também a contribuição da mídia e do fenômeno-processo das convergências midiáticas junto a essas “culturas” jovens.

2.1 Adolescente e jovem na história

O conteúdo semântico das palavras está diretamente relacionado ao contexto no qual elas foram criadas. Os termos adolescência e juventude, como continuadores da cultura ocidental, remete-nos à Grécia Clássica, à Roma Imperial e ao Período Medieval.

Na Grécia Clássica (século V a.C.), o processo de socialização das pessoas jovens para transformá-las em cidadãos integrais era orientado pela Paidéia¹⁴. Na Roma do século VII d.C., os grupos humanos se apresentavam classificados etariamente. Havia, assim, uma harmonização entre os termos e as faixas etárias que eles representavam: *pueritia* (puberdade) até os 15 anos; *adulescentia* (adolescência) dos 15 aos 30 anos e *iuventus* (juventude) dos 30 aos 45 anos (ARIÉS, 1981). Essa classificação representava e justificava mais a estrutura social e política romana do que as metamorfoses do corpo humano: uma *adulescentia* prolongada até aos 30 anos se relacionava diretamente com os campos militar e político¹⁵, pois aos 45 anos a *iuventus*, quando da passagem dos *iunores* (mais moços) para *seniores* (mais velhos), terminava.

Na Idade Média, continuava uma certa divisão da vida por etapas: infância e puerilidade, juventude e adolescência, velhice e senilidade. A infância, primeira idade, ia do nascimento aos sete anos. A *pueritia*, segunda idade, ia até os 14 anos; a adolescência, terceira idade, dos 14 até os 28 e podia chegar aos 35 anos. Dos 35 aos 45 anos, *iuventus*, quarta idade. Dos 45 anos em diante, chegava-se à senilidade, e a partir dos 70 anos vinha a velhice (ARIÉS, 1981).

No século XVIII, a sociedade burguesa que se instaurava divide o ensino em ciclos e produz a divisão entre criança e jovem. O sistema de dois ciclos de ensino - um curto (a escola), e outro longo (o liceu) - se especializou na formação de crianças e jovens. No meio operário do século XIX, no entanto, não havia essa diferenciação: a necessidade da mão de obra infantil para a indústria acelerou a passagem para a vida adulta.

Educação e serviço militar eram duas instâncias para os jovens das camadas sociais mais abastadas. Para a infância se criou uma perspectiva paternalista e de dependência, sem se

¹⁴ A palavra, inicialmente, significava “criação de meninos”. Com o tempo esse termo adquiriu sentido mais elevado. Platão define paidéia como a essência de toda a verdadeira educação que provoca no homem o desejo e a ânsia de se tornar um cidadão perfeito.

¹⁵ O historiador jurídico José Reinaldo de Lima Lopes em sua obra “O direito na história” (2000) evidencia que o sistema social romano ao defender o pátrio poder alimentava a submissão de filhos aos pais, como manutenção das propriedades e cargos públicos. Giovanni e Schmitt (1996) na obra “História dos jovens I: da antiguidade a era moderna” comentam do poeta romano Ovídio o texto Metamorfoses (“*Na infância tudo floresce, o fértil campo resplandece com o colorido das flores, mas ainda falta vigor às folhas.[...]a juventude é a quadra mais forte e vigorosa que é a robusta mocidade, fecunda e ardente.*”): “O verão escolhido por Ovídio para simbolizar a juventude representa bem essa fase da vida humana que é realmente fecunda e ardente. O verão é a estação das tempestades, das altas emoções, ora é o Sol, ora é a chuva. Na juventude também é assim acontece tempestade de emoções, as paixões são mais ardentes e os sentimentos sofrem constantes oscilações.” (GIOVANNI & SCHMITT, 1996: 12).

precisar a fase juvenil, mas com clareza normativa sobre como se dava a maturidade: pelo matrimônio e pela casa própria, independência da família.

De acordo com Áries (1981), foi no contexto da modernidade em gestação no século XVIII que a infância foi construída como período especial de proteção e de docilidade. Mas a adolescência foi uma construção *a posteriori*. Adolescência e juventude são construções sócio-históricas, culturais, relacionadas com as sociedades das quais se originam. No cenário das lutas políticas, sofrem as influências dos coletivos sociais que se consideram e lutam por permanecer hegemônicos. A infância e a vida adulta também são resultados dessas elaborações sociais, em constante mudança e ressignificação.

Às vezes pensamos que adolescência e juventude são vocábulos sinônimos, representam uma única fase da evolução humana. Isso acontece porque os estudiosos, ao tratarem dessas etapas da vida, fazem-no a partir da perspectiva que reduz adolescência e juventude a um único conceito: o de juventude. Esse reducionismo provém da divisão na filosofia no século XIX, quando a psicologia e a sociologia dela se desprendem, sob a orientação da ciência que potencializa a Revolução Industrial e consolida o modo de produção capitalista.

A noção de adolescência mais presente em nosso senso-comum e em nossos posicionamentos técnicos de profissionais da educação, da comunicação e outras áreas das ciências humanas, possui influência do direito, da medicina e da psicologia. Os manuais de psicologia evolutiva nos apresentam a adolescência como uma idade dramática, de tormentos, instabilidade e entusiasmo¹⁶, com caracterizações bioformológica e fisiológica, expressas na capacidade de reprodução humana: essa fase só está completa quando todas as estruturas e processos necessários para a fertilização, concepção, gestação e lactação atingirem a maturidade (FLORENZANO, 1997). Piaget [...] caracteriza a adolescência, principalmente, pelo surgimento de mudanças profundas na estrutura do pensamento humano. Sua psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem trata das operações do ato intelectual do adolescente e da configuração do raciocínio social, que identifica indivíduo e coletividade.

¹⁶ Para uma maior compreensão da matriz dessa noção de adolescência, recorremos à contribuição de Juan Deval (1988) sobre a história das noções de adolescência e juventude. O pesquisador sinaliza que esse campo de estado emergiu de maneira mais sistematizada no início do século XX, sob a influência do psicólogo norte-americano Stanley Hall, que em 1904, publicou um tratado sobre a adolescência, constituiu-se como marco de fundação do estudo da adolescência passando a fazer parte de um capítulo dentro da psicologia evolutiva.

A sociedade brasileira moldou sua concepção de adolescência, a partir dessas noções da psicologia, definindo-lhe os direitos (e os não-direitos), as responsabilidades e os espaços de existência. De acordo com Juan Deval (1998), no entanto, a teoria psicanalítica¹⁷ e a teoria sociológica¹⁸ também se fazem presentes nessa noção.

A adolescência, de acordo com a perspectiva sociológica, é uma fase transitória cujos ritos de iniciação podem facilitar ou não o acesso do indivíduo à sociedade. Nas sociedades urbanizadas, por exemplo, as tarefas produtivas, cargos públicos eletivos e até mesmo o matrimônio passam por esse corte etário-biopsicológico, o que implica uma hierarquização social por idade.

Juventude, ainda de acordo com a teoria sociológica, é uma construção posterior a adolescência. Para Rossana Reguillo (2000), pesquisadora argentina, “Juventude: categoria etária dos domínios da demografia¹⁹, etapa de amadurecimento sexual-afetivo-social-intelectual-biomotor e como subgrupo cultural consumidor de bens simbólicos ou matérias para o capitalismo” (p. 23). Categoria criada nos anos pós-Segunda Guerra, quando surge uma nova ordem mundial, a juventude se tornou sujeito de direito e de consumo. Abramo (1994), por sua vez, assegura que a noção de juventude, mesmo que socialmente variável, refere-se a um período de vida em que se completa o desenvolvimento físico do indivíduo e ocorre uma série de transformações psicológicas e sociais. É quando ele abandona a infância para entrar no mundo adulto²⁰.

¹⁷ Intensificação da sexualidade, modificação com os vínculos familiares primais, oposição às normas, crise de identidade acabam sendo características daquilo que a teoria psicanalítica coloca como sendo demarcatório para localização da adolescência. O desenvolvimento que ocorre na puberdade ocasiona uma modificação do equilíbrio psíquico, produtor de vulnerabilidade na personalidade da pessoa. (DEVAL, 1988).

¹⁸ A teoria sociológica coloca a adolescência como o resultado de tensões e pressões que vêm do contexto social, fundamentalmente relacionado com o processo de socialização por que passa o sujeito, e a aquisição de papéis sociais que lhe são oferecidos externamente pelo entorno social.

¹⁹ Nos domínios da demografia social, a adolescência é circunscrita entre os 12 e 18 anos; a juventude entre os 15 e 29 anos, mas subdivididos em grupos etários de 15 a 19 anos, 20 a 24 anos e 25 a 29 anos. No entanto, como adolescência e juventude são construções constantes, na América Latina, os países, em alguns casos individuais ou por regiões geográficas, apresentam variações dessas faixas etárias. Por uma certa operacionalidade das políticas públicas, o ser adolescente e o ser jovem assumem faixas diferenciadas como: em Costa Rica: faixa do adolescente e do jovem dos 12 aos 35 anos; México: 12 e 29 anos; Argentina: 14 e 30 anos; Chile, Cuba, Panamá e Paraguai: entre 15 e 29 anos; Nicarágua: 18 e 30 anos; Honduras: menores de 25 anos. (CEPAL, oij, 2004: 290-291)

²⁰ No entanto, ser jovem nas zonas rurais dos municípios de Palmas e dos demais municípios tocantinenses possui outras significações. Da mesma maneira que no espaço urbano, ser jovem também é diferenciado, operacionalmente, pelas características sócio-econômicas. A demografia auxilia na demarcação inicial da juventude, mas não a significa absolutamente por essas diferenças. Ser jovem apenas pelo biológico também necessita ser complementado pelos aspectos de uma própria ecologia cotidiana, isto é, fatores externos contribuem para sua formação.

O que diferencia a adolescência e a juventude, na atualidade, são as novas condições juvenis advindas das mudanças e transformações sociais globais na sociedade da informação ou do conhecimento (CASTELLS, 2001). Essas condições influenciam os modos de vida das pessoas e aceleram mudanças no próprio funcionamento da sociedade, mas não são homogêneas, diferenciam-se de acordo com a situação social de vida dos jovens.

As novas condições juvenis nasceram a partir dos anos 50 do século XX, no contexto de movimentos sócio-culturais contestatórios, como o movimento *beat*, expressão do descontentamento de uma parcela da juventude estadunidense com o *american way of life*, e o *rock in roll*, que, com sua irreverência e efervescência, denunciava o desacordo de grupos juvenis com a ordem social, vinculando-os à delinqüência. Além das ciências da saúde, da sociologia, da psicologia, a mídia impulsionou essas novas condições juvenis. A lógica da indústria cultural estadunidense estende-se mundo afora, num processo de construção social da juventude, e norteia valores para a vida adulta. Cada juventude pode, pelo consumo, definir-se e reinterpretar a sua maneira o que é ser jovem. Utiliza-se para isso do contraste com crianças, adultos e outras juventudes. Como categoria social, juventude é representação do vivido na diversidade do cotidiano, uma mistura de combinações das situações sociais e das diferenças culturais.

A vida dos jovens contemporâneos é determinada pelo que a sociedade moderna industrial produziu na educação, no trabalho e na cultura, localizando-os num espaço-tempo determinado e na transição para a vida adulta. Valores e culturas particularizados, em alguns casos, alargam e prolongam a juventude, atrasando a inserção dos jovens no mundo do trabalho. O trânsito da infância para a vida adulta foi modificado sociologicamente, acirrando as diferenças das trajetórias de vida.

Juventude na atualidade não é simples movimento de passagem, mas narrativas construídas para legitimar o fato e a aventura de ser jovem na sociedade da comunicação e da informação mediada pelas tecnologias, experiências singulares de subjetivação e individualização. Não existe o agora como algo permanente, definitivo e com projeções no futuro. O agora da sociedade da comunicação e da informação não é tempo, mas essência social em permanente construção, reconstrução, significação e ressignificação.

2.2 Adolescência ou juventude em Palmas?

Os primeiros contatos, ainda informais, com atores sócio-educativos²¹ das unidades escolares palmenses da rede pública (estadual)²², para sondar o manejo dos termos adolescência e juventude, revelaram que para boa parte desses sujeitos adolescência e juventude são a “mesma coisa”: ambos se referem à fase da vida em que se transita da infância para à vida adulta. Adolescência e juventude, sinônimos, são uma espécie de código de barras: tem validade prescrita.

Ao vasculhar determinados documentos educacionais, sobretudo os voltados para a formação de professores (Pedagogia e Normal Superior²³), percebemos a utilização dos termos adolescência e juventude nas ementas das disciplinas Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento e Educação de Jovens e Adultos. As disciplinas Sociologia da Educação, História da Educação e Políticas da Educação Básica usam como referência o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, instrumento legal que utiliza apenas o termo adolescência. Se no primeiro caso, adolescência e juventude são empregadas como sinônimos, no segundo, o termo juventude é substituído por adolescência.

O discurso dos coordenadores da educação de jovens e adultos da Secretaria Estadual de Educação, fundamentado em documentos da UNICEF/UNESCO e do Ministério da Educação, estava mais voltado para as políticas públicas para a juventude, deixando evidente a opção pelo termo juventude. Os representantes da Secretaria Estadual da Juventude, ao se manifestarem no mesmo período, deixaram entrever uma concepção “pré-fabricada” do ser ou estar jovem, própria das políticas herdeiras do movimento estudantil nacional. De acordo com essa concepção, juventude não é referência a tempo cronológico ou a momento de maturação ou transição. Ao contrário, vincula-se à ação política de caráter revolucionário, mas essa vinculação só é percebida e vivenciada no universo acadêmico. As primeiras discussões de uma política oficial para a juventude, no entanto, deram-se por

²¹ Optou-se por utilizar a expressão atores sócio-educativos como Aires (2007) o faz em sua tese de doutoramento. A expressão congrega desde diretores-gestores, coordenadores pedagógicos, docentes e alunos, ou seja, todos aqueles sujeitos sociais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem no contexto espacial da unidade escolar formal.

²² Coordenadores pedagógicos e diretoria do Centro de Ensino Médio.

²³ Conteúdos encontrados nos Projetos Pedagógicos dos Cursos de Pedagogia e Normal Superior da Fundação Universidade do Tocantins, 2006.

iniciativa do Programa Amigos do Meio Ambiente – AMA, do Programa Pão Nosso de Cada Dia e do Programa de Cerâmica, pois neles encontravam-se um grande contingente de jovens dos bairros populares da cidade.

De acordo com a pesquisa “Juventude – um grito de esperança”, desenvolvida pela Secretaria Extraordinária da Juventude de Palmas, os problemas que afetavam os jovens palmenses eram drogas, dificuldade no relacionamento familiar, falta de oportunidade do primeiro emprego e carência de informações preventivas de saúde. Em face disso, as primeiras ações voltaram-se para a prevenção e combate às doenças, lazer, profissionalização e incentivo à cidadania. Programas compensatórios foram produzidos para a juventude: shows dos bairros, estruturação das entidades estudantis, programa AIDS Adolescente, projeto Educação para o Trabalho, projeto Vida e Saúde, Cadastro da Juventude, projeto Grafitar. Campanhas e palestras educativas e propostas de projeto de lei na Câmara Municipal de Vereadores para proibição de vendas de cigarro e bebidas alcoólicas para menores foram outras ações desenvolvidas ou propostas pela administração pública municipal, por meio de sua secretaria especial para a juventude.

No ano de 2001, foi criada a Diretoria da Infância e da Juventude na estrutura organizacional da Secretaria do Trabalho e Ação Social (SETAS). Datas comemorativas começaram a ser implantadas para dar visibilidade à política oficial para a juventude: o dia 11 de agosto, Dia do Estudante, e o dia 12 de agosto – Dia Internacional da Juventude. Essa iniciativa nada mais era do que o alinhamento ao que já fora preconizado pela ONU em atendimento às recomendações da Primeira Conferência Mundial de Ministros da Juventude, realizada em Lisboa – Portugal. No ano de 2002, foi criado pelo Decreto Governamental nº 1387, de 27 de janeiro, o programa Bolsa Cidadã, implantado e gerenciado pela SETAS/Diretoria da Infância e da Juventude.

Em 04 de abril de 2002, o Decreto Governamental nº 1.465 criou no Estado do Tocantins a Secretaria Estadual da Juventude para assegurar os direitos da criança, do adolescente e do jovem. No mesmo ano, foi criado, pelo Decreto nº. 1606 de 25 de setembro, o Conselho Estadual da Juventude, órgão consultivo, normativo e deliberativo, vinculado à Secretaria Estadual da Juventude. No ano de 2005, por meio da Medida Provisória nº 238, a Presidência da República anunciou a criação da Secretaria Nacional da Juventude, do Conselho Nacional de Juventude e do Pró-jovem, programa que definiu a categoria jovem como a etapa da vida compreendida entre 18 e 24 anos.

Nessas políticas públicas para a juventude, outros termos começaram a figurar nos planos e programas, como, por exemplo, protagonismo juvenil, para significar que o jovem do mundo contemporâneo gerencia seu próprio processo de vida²⁴. Uma fala mais aprofundada sobre a juventude começou a ser elaborada pelos programas apresentados e pelas conexões com demais organizações nacionais. O ideário político-partidário inicial começa a ser superado.

Essa história oficial, perpassada de políticas públicas para a juventude, silencia outra história, agora no campo educacional: a do papel da igreja na construção do protótipo de jovem da região norte do então Estado de Goiás, hoje Tocantins, desde fins do século XIX. A compreensão dessa história exigiu que fôssemos às instituições religiosas, sobretudo àquelas da Igreja Católica Romana (a Ordem Dominicana no município de Porto Nacional) e das Confissões cristãs-protestantes (o Colégio da Congregação Batista do Brasil em Palmas). Pelos relatos das missionárias, todas educadoras, igrejas e escolas eram extremamente próximas. Em virtude disso, o protótipo de jovem desta região apresentava marcas indisfarçáveis da educação religiosa.

A juventude era apresentada como uma fase de transição enigmática e perigosa, passível de influências. Por isso, inúmeros encontros catequéticos e retiros espirituais eram destinados a ela. As aglomerações festivas deviam ser controladas por uma vigilância permanente para identificar e coibir excessos. Ser jovem significava acompanhar os serviços litúrgicos religiosos (missas e tempos litúrgicos fortes do calendário católico), não exceder nos prazeres mundanos, ser estudioso, obediente, aprender os ofícios profissionais e tornar-se um cidadão próspero para o reino de Deus. Todos aqueles que realizavam esse caminho davam prosseguimento à rota criança-jovem-adulto. Existiam jovens que não se enquadravam nesse formato, mas no preconizado pelo Código de Menores. Para esses “jovens” adolescentes infratores, cidadãos não prósperos para o Reino de Deus, eram reservados os espaços dos antigos patronatos, seminários, cursos técnicos, formações profissionalizantes.

²⁴ No Manual do Gestor Jovem produzido a partir do I Seminário para gestores em políticas públicas para a juventude (2002: 23), localizamos o conceito de protagonismo como: “[...] o pleno direito à organização e à participação do jovem em atividades de interesse social, que vivifica o ideário cidadão, busca o resgate e o incentivo a formação de valores individuais e do grupo em que está inserido, permite ao jovem integra-se ao sistema político vigente, contextualizando as políticas públicas e criando em sua comunidade mecanismos de apoio às esferas governamentais para a demanda de serviços e programas sociais que visem não ao assistencialismo, mas à políticas sérias de erradicação e tratamento a todas as formas de exclusão sociais, e direitos mais fundamentais, como o direito a uma vida digna de participação social, de acesso ao mercado, à propriedade e à cultura, recursos mínimos da vida civilizada moderna”.

A juventude, em ambos os casos, foi concebida como período preparatório, de transição da infância para a maturidade, exigindo políticas preparatórias para inserção do jovem no mundo adulto. Essa política é, por excelência, a educação nas escolas, no serviço militar e em todos os programas de motivação e desenvolvimento de destrezas para o cumprimento de deveres e responsabilidades.

Ao finalizar este estudo, confirmamos o que nos revelaram os primeiros contatos informais com atores sócio-educativos da rede pública palmense: os termos adolescência e juventude, no município de Palmas, referem-se a uma mesma e única coisa: fase da vida em que se transita da infância para a maturidade. São sinônimos portanto.

As políticas públicas no Estado do Tocantins delineiam caminhos e propostas para a juventude. A história do Brasil nos sinaliza aspectos jurídicos-legais para a adolescência e a juventude. As políticas globalistas culturais apontam para coletivos diferenciados de adolescentes e jovens nos espaços brasileiro e latino-americano. Optamos, pois, pelo uso dos termos juventude e adolescência. Da mesma maneira, assumimos os diferentes grupamentos juvenis em formação nos espaços urbanos, pois consideramos que nem todos são tribos midiaticizadas.

2.3 Tribos urbanas ou culturas juvenis

A concepção de mundo globalizado, em que informação, conglomerados econômicos e financeiros, discursos de proteção ambiental e ofertas de consumo de bens e serviços também se faz presente no Estado do Tocantins e em sua capital, Palmas²⁵, criada para ser a última fronteira de desenvolvimento no Brasil (GOMES, 2004), espaço diferenciado e catalisador de outras formações socio-culturais e novas sociabilidades.

²⁵ Embora Palmas possua uma extensão territorial de 2.465 km², sua população é pequena se comparada com as demais brasileiras. Mas traz consigo a distribuição tanto desigual no território urbano, fruto de especulação imobiliária de terrenos e da espera da grande explosão econômica regional, isto é, 137.355 habitantes no total, mas dando 17,94 % por km². A população urbana se encontra em 134.179 habitantes contra 3.176 da zona rural. Mas com seus 2.465 km², o espaço acaba não sendo ocupado devidamente por situação já citada. 18,37 habitantes deveriam estar vivendo por km² na cidade, mas se encontram vivendo em zonas de exclusão social.

Palmas não nos socializa, ela nos dessocializa, acaba nos dando uma noção de segregação como se isso fosse o estado de normalidade na contemporaneidade. Palmas é um lugar de tempo rápido, as avenidas foram projetadas para um tráfego rápido, possibilitando o cálculo cronometrado da relação tempo-distância da residência ao trabalho, ela focaliza onde devo ter meu lazer; não existem ruas e sim alamedas, em quadras e divididas por setores. Não se conhece os vizinhos. (p.151)

Os espaços de sociabilidade são reconfigurados e planejados de acordo com os grupos sócio-econômicos:

Se se deseja ver gente vou até a Feira Coberta da 304 Norte, gente *cult*, ver o *povão* vai-se para a Vila União – reduto dos migrantes primeiros da cidade e que não participam do Plano Piloto. [...] Fora dessa ilha, encontramos os bairros de migrantes, chamada população de baixa renda, a estética espacial diferenciada, como se estivesse voltando ao norte-goiano. É uma sensação semelhante quando se sai de Brasília e se adentra às cidades satélites, até se chegar ao Estado de Goiás...sente-se que alguma coisa mudou no espaço estético. (GOMES, 2004: p.151).

O universo das manifestações artísticas clássicas como o teatro re-pagina-se, recolor-se, re-nomeia-se, almejando ter um estatuto de pertencimento ao mundo globalizado e midiaticizado:

[...] à noite quando acontece algum evento artístico-cultural de importância nacional desloca-se ao Theatro (com “th”) Fernanda Montenegro (que de certa maneira tornou-se madrinha das artes na cidade, uma atriz com todo respeito que se tornou objeto midiático em escala nacional, como *Sean Connery*, *Madonna* etc para o cenário internacional), construção subterrânea no futurista Espaço Cultural; se quero a ilusão de um *shopping center* foi ao Palmas *Shopping* com dezena de lojas e uma praça de alimentação, ali faço meu *trottoir* como se fosse numa pracinha de alguma cidade do interior. (GOMES, 2004: p.151)

Esse “mosaico no sertão”²⁶ nos dizeres de Gomes (2004) possui 108 estabelecimentos de ensino (39 de educação infantil, 52 de ensino fundamental e 15 de ensino

²⁶ “Palmas foi construída para produzir um efeito de sentidos para todos aqueles que necessitam reconhecer que o desenvolvimento e o progresso são possíveis de se realizar numa região considerada atrasada, pobre e miserável. Palmas comunica isso a todos que nela entram para morar ou visitar. Palmas é ecológica, é pólo de atração econômica, é turística, é amiga. Palmas possui a maior densidade de metro quadrado de área verde por habitante no Brasil. Palmas possui um projeto de seqüestro de carbono no qual governos e grupos de ambientalistas e de oligopólios de países industrializados depositam insumos financeiros (libras, dólares, euros) para que aqui sejam plantadas árvores, e com isso, reflorestar o planeta ao mesmo tempo que se vai oxigenando-o. Palmas não possui ruelas, nem botequins de esquina, ela é planejada, ordenada, seu traçado

médio) além de 5 instituições de ensino superior (Centro Universitário Luterano de Palmas, Fundação Universidade do Tocantins, Faculdade Católica de Palmas, Faculdades Objetivo e Universidade Federal do Tocantins); 04 hospitais de médio porte e 10 agências bancárias (GOVERNO DO TOCANTINS, 2006).

Um mundo do trabalho se estruturou diferentemente daquele vivenciado nos anos de pertencimento ao norte-goiano. Hoje existe uma população urbana e ativa nos postos de trabalho, em especial no funcionalismo público e nos setores de serviços, e um novo modelo de família vem se configurando.

Tanto nos grupos de baixa renda como na classe média existe uma tendência: todos os seus membros maiores de 18 anos ou estão no mercado de trabalho, informal ou formal ou tem intenção de realizar-se pelo trabalho. Tanto os homens quanto as mulheres. Isso ocasiona um deslocamento do tempo de convivência entre pais e filhos. As crianças e os jovens encontram outras instâncias nas quais estabelecem seus processos de significação como indivíduos sociais. As redes de ensino público e privado se tornam os *loci* para encontros desses indivíduos em busca de identidade e socialibilidade.

A juventude, assumida anteriormente como produção social sofre interferência desses *loci*, que definem a duração dessa etapa da vida do indivíduo. As escolas com seus sistemas de gestão pedagógica e administrativa modernas sofrem também interferências de outros conteúdos selecionados e distribuídos pela mídia. Adolescentes e jovens (trabalhadores ou não), deficientes físicos/sensoriais ou não, portadores de práticas infracionais ou não convivem nesse ambiente escolar híbrido. Grupamentos juvenis vão se formando pela heterogeneidade dos indivíduos de diferentes camadas sócio-culturais e econômicas.

Esses grupamentos juvenis são uma fonte de socialização menos repressiva que a família e as associações religiosas tradicionais, o que os torna importantes como fonte de referência social. Neles os jovens sofrem menos exigências e dispõem de mais espaços de expressão para legitimar seus sentimentos e visões de mundo (Marques, 1996).

Esses grupamentos juvenis poderiam ser comparados a uma tribo? Representantes da Antropologia, como Magnani (1992), referem-se à noção de tribo própria da etnologia:

arquitetônico obedece a um planejamento racional. Palmas possui áreas industriais, residenciais, comerciais, de convivência social e de lazer. Palmas é um mapa, é um croqui em construção. Palmas para nós é um mosaico, que, dependendo do ângulo em que se olha, pode informar muito do que ela esconde de segredos e mentiras, de verdades também.” (GOMEZ, 2004: 131).

grupo que supera as particularidades e se representa e se justifica como coletivo identitário e com ethos definido²⁷; “[...] constitui uma forma de organização mais ampla que vai além das divisões de clã ou linhagem, de um lado, e da aldeia, de outro. Trata-se de um pacto que aciona lealdades para além dos particularismos de grupos domésticos e locais”(EVANS-PRITCHARD,1978: 37).

A expressão “tribo urbana” é uma associação tardia advinda dos estudos do professor Maffesoli, sociólogo do Centro de Estudos da Atualidade e do Cotidiano da Universidade Sorbonne - Paris IV, 1985. Maffesoli utiliza a expressão para representar a junção dos novos grupamentos sociais (tribos) com os espaços de associação da sociedade “pós-moderna” (urbes). Nesse jogo, o pesquisador apresenta também outro termo, o “neotribalismo”, micro-grupos sociais cuja identidade e sociabilidade são marcadas pelo individualismo, unissexualização da aparência física, do corpo e da moda: pequenos grupos delimitados nas sociedades complexas que elaboram e dispõem de suas próprias regras.

O antropólogo Magnani (1992) contrapõe-se à existência real das “tribos urbanas” e as considera como uma grande metáfora. Maffesoli defende-as e as compreende como grupamentos semi-estruturados que se aproximam pela identificação nos rituais, na cultura e nos estilos de vida, mas sem o compromisso normativo da tribo tradicional da etnologia.

Assumimos as tribos urbanas como grupamentos semi-estruturados que vivem volátilmente sob uma lógica hedonista e sem compromisso com a continuidade na linha do tempo, expresso na hipertrofia da valorização do aqui-agora (COUTINHO, 2001). Entre grupamento juvenil e tribo urbana, a sociedade contemporânea optou pelo uso da segunda expressão (tribo urbana): as idéias de selvagem, exótico, violento e livre que a sociedade tem dos jovens constituem o seu universo semântico. Quando visualizamos Palmas nesse contexto reflexivo, percebemos que ela é demarcada, também, pelas tribos urbanas: praças, quadras e pistas de *skates* são grafitadas num gesto de demarcação territorial, embora esses sinais sejam imediatamente apagados pela limpeza pública por serem considerados portadores de negatividade. Nas escolas as gírias, a música, a estética *grunge-gótica-surfer* adornam corpos

²⁷ O antropólogo agrega, ainda, que a noção de tribo não possui legitimidade nos tempos atuais, mesmo mantendo o entendimento tradicional. A categoria apropriada, em qualquer caso, é sociedade. Uma tribo é apenas uma designação inadequada porque ao se pretender fazer referência às sociedades indígenas acaba não reconhecendo seus direitos e estatutos de sociedades verdadeiras frente às sociedade hegemônicas envolventes. Levando-se em conta, porém, o sentido e contexto do uso do termo tribo por inúmeros autores - além dos citados - mantém-se, neste texto, a referência ao seu uso mais tradicional. (MAGNANI, 1992).

que procuram se definir socialmente e representar seus grupos e sofrem o mesmo preconceito que atinge os gestos de demarcação territorial.

A temática não se esgota nessas páginas. O que fizemos aqui foi apenas revelar uma ponta do *iceberg*. Uma grande discussão deverá ser realizada no universo sócio-político, cultural e acadêmico de Palmas para facilitar a compreensão do novo com que estamos lidando, uma vez que os profissionais em formação para trabalhar com as tribos urbanas estão, segundo Gomes (2003), profundamente distantes do docente atualizado, crítico e permeável às transformações:

Na primeira fileira do lado esquerdo da sala podem estar sentados os religiosos e religiosas. Eles participam de grupos de jovens de igrejas católicas na vertente carismática ou nas confissões e/ou denominações protestantes de cunho pentecostal. Todas e quaisquer questões que sejam referentes aos pensamentos mítico e racional eles se sentem inquietos nas cadeiras. Sentem-se extremamente realizados quando são trabalhados os conteúdos ciceronianos, agostinianos ou tomistas. Uma citação de provérbio ou de uma passagem bíblica do Novo Testamento pelo professor, acabam eles ficando extremamente felizes, pois, enfim, aquele ser docente evidencia alguma possibilidade de ter fé. (p.68)

A cultura dos professores tem uma fundamentação religiosa sólida. E os alunos com os quais eles vão trabalhar, quem são e como se comportam? Segundo Gomes (2003):

Os “malhados”, as “Patricinhas e Mauricinhos” sentam-se mais no fundo da sala, a necessidade de atender o telefone celular é preponderante. Em momentos colocam-se atentos, mas possuem uma dificuldade no tensionamento das teorias com a realidade em que vivem.

Roqueiros, *funkeiros*, metaleiros e *hip hop* formam uma tribo à parte. Entram na sala de aula como se estivessem preparados para o show de *rock* ou uma competição de skate. Trazem uma sensibilidade muito grande com os problemas sociais e estão abertos às discussões mais amplas sobre a realidade.

Os esportistas radicais estão sempre preocupados com as escaladas, a prática do rapel, o canyonismo do fim de semana.

Os *rpgistas* e os internautas conseguem em cada exemplificação canalizá-la para algum efeito de ficção científica.

Além desses, temos também um outro grupo de adolescentes que se destacam do grande time, eles são extremamente novos, ainda se maravilham com as aventuras de *Harry Potter* e aquelas do Senhor dos Anéis. (p.68).

Como essas tribos urbanas, sob o impacto das tecnologias, estão se manifestando e construindo uma nova cultura numa escola de ensino médio? Pode-se falar de uma cultura juvenil ou culturas juvenis, no contexto de um “protagonismo” oferecido pelas políticas públicas, dos objetos de fruição consumidos e das configurações tradicionais do ser jovem em transformação para a vida adulta? Para auxiliar na resposta a essas questões, que serão dadas no próximo capítulo, às vozes e posicionamentos dos autores-pesquisadores com quem trabalhamos ao longo deste texto, agregamos também as contribuições de Don Tapscott (1998), pois essas culturas juvenis trazem marcas de uma geração net.

O cenário diferenciado da cidade, as políticas públicas híbridas e desejosas de alinhamento à globalização e a força das tecnologias da informação e da comunicação nos indicam que não se está mais vivendo uma época de mudanças, mas sim uma mudança de época, uma outra época social. A “geração net” pertence a esse contexto. Embora nasça, cresça e se eduque nos espaços tradicionais da família, o computador, a internet, a mídia televisiva e os aparelhos celulares criam um outro universo formativo. Esse novo universo influencia a educação formal, modificando-a.

Em Tapscott²⁸ (1998), recolhemos elementos para compreender a Geração Net. Segundo ele, crianças, adolescentes e jovens estão em contato permanente com as TIC, e já se consideram proprietários delas. Somando-se essa informação às informações recolhidas de outros autores aqui trabalhados, chegamos a um perfil provisório dessa geração, cuja marca essencial é a mutabilidade constante: vivemos com uma geração de adolescentes e jovens que são tecnófilos, que se sentem atraídos e assumem de fato as tecnologias pelo desejo de conhecer, empregar e possuir novas tecnologias; por estarem se desenvolvendo junto com as TIC desde as duas últimas décadas do século XX e a partir dessa primeira década do século XXI, sentem-se também co-proprietários das TIC, pois satisfazem suas necessidades de lazer, comunicação, aprendizagem com elas. É uma geração que as domina e isso lhes possibilita, com a usabilidade e navegabilidade, uma competência adaptativa a toda atividade que implica o uso do computador e da internet; geração voraz pelo novo. O que a torna vulnerável a todos os tipos de consumo e à descartabilidade de objetos, de relacionamentos, de sentimentos, indicando novas perspectivas morais; embora predomine a divisão de classes socioeconômicas e nichos sócio-culturais, uma marca geral se impregna nos jovens e

²⁸ A reflexão de Tapscott aborda desde temas polêmicos como a caber-pornografia, a dependência da Internet e os perigos de uma segregação digital (aos que possuem acesso e aqueles que apenas vêem computadores, televisores, celulares pelas vitrinas das lojas).

adolescentes urbanos: eles são visuais, auditivos e cinestésicos, pois no intercâmbio com as TIC e suas aplicações agem como se estivessem manuseando os mesmos programas e *softwares* na vida cotidiana. Não existe diferenciação entre os domínios do digital e da realidade concreta.

CAPITULO III – AS TRIBOS URBANAS E SUAS INTER(AÇÕES) COM AS TECNOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS

É importante que pesquisas sobre as interfaces das tecnologias contemporâneas com os grupos juvenis possam se ampliar nos domínios educacionais, sobretudo com as transformações no mundo do trabalho e a supervalorização da informação como moeda corrente. Essas tecnologias trazem um conjunto de exigências à educação, em especial à escolar.

Na atualidade, o tempo-espaço da escola e os atores sócio-educativos que trafegam no universo escolar, criam sociabilidades e trocam saberes têm se modificado. A relação ensino-aprendizagem tradicional vivenciada nas escolas, baseada no professor, um depositário de saber, que expunha conhecimentos, aplicava e avaliava tarefas, e no aluno, indivíduo passivo, expectador das atividades, pronto para ser aprovado ou reprovado, vem caindo por terra.

Essas transformações têm nas tecnologias sua mediadora. A função do trabalho docente não é transmitir informação, nem facilitar a aprendizagem, mas potencializar o aluno para que possam protagonizar o processo de construção de seu próprio conhecimento. Os projetos educativos das Secretarias da Educação, como Acelera Brasil, Aluno Nota 10 e outros da SEDUC-TO, partem dos seguintes princípios: a aprendizagem do aluno se dá quando ele se diverte; os conteúdos são adaptados aos interesses do aluno; o aluno somente aprende quando ele quer; o aluno somente aprende quando ele descobre por si mesmo aquilo que deve aprender, e que somente se aprende quando se pode aplicar o ministrado. Existe uma concepção abstrata de aluno norteando propostas e práticas educativas.

Hobsbawn (1995) concorda com o que vimos refletindo sobre juventude, quando afirma: “[...] o que constitui a juventude na atualidade é a sua autonomia e concepção de se constituir seus membros como atores sociais conscientes de si mesmos, que se reconhecem [...]” (p. 318).

Pesquisadores educacionais de vanguarda estudam a aprendizagem, a partir das diferenças individuais, e apresentam modelos que comprovam que a aprendizagem do aluno está diretamente relacionada a sua vivência nos diversos grupos a que pertence, inclusive os de natureza tecnológica. O aluno jovem, no entanto, continua sendo uma incógnita.

Ignorância? Comodidade? Conveniência? De acordo com Sacristan (2003), esse jovem que cresce e se desenvolve em todas as dimensões da vida deve ser levado em conta no universo escolar. O aluno é um sujeito social que se faz presente cotidianamente na escola.

As tribos urbanas de Maffesoli (2000), as explicações de Magnani (1992) e estudos sobre grupamentos juvenis e perspectivas para os (as) adolescentes (ABRAMO, 1994; ABRAMOVAY, 2002; MINAYO, 1994) podem auxiliar a substituição do entendimento abstrato – genérico de jovem por um conceito que o assuma como ser social concreto em constante mutação. Outros profissionais que podem auxiliar nessa tarefa são os investigadores das Ciências da Comunicação, como Martín-Barbero, Nestor Garcia Canclini, Guilherme Orozco, Efendy Maldonado, que trabalham as teorias da recepção²⁹. Juntos, esses estudiosos explicitam o perfil não só dos jovens, mas também dos grupamentos juvenis das unidades escolares, em constante interação com as tecnologias.

A escola tradicional, sob a capa dos projetos de gestão compartilhada de cunho neoliberal, coloca-se em outra perspectiva. Para ela, a juventude deve ser dócil e disponível para a contínua preparação de mão-de-obra para o mercado profissional. Jovens que possam se tornar bons adultos, apertadores de botões, leitores de códigos de barra e executores de planilhas. Os meios de comunicação conservadores, por sua vez, contribuem para criar uma concepção de juventude como passível de violência no mundo globalizado. Assim, cada manifestação de um grupamento juvenil pode se tornar um perigo. De acordo com Rossana Reguillo (1999, p. 135), “a juventude da periferia das grandes cidades se torna assim sujeito construtor de medo”.

Sentidos de uma juventude marginal vão sendo produzidos e alimentando programas educativos conservadores.

A produção de sentido é uma construção que se relata, que formula uma maneira de ser que é inventada ou importada, mas assumida e consentida, o que implica sempre sedução e conhecimento. É uma forma imaginária de conceber-se a si próprio que conforta, que dá segurança, marca presença no espaço e no tempo (PESAVENTO, 1999, p.124).

²⁹ O estudo da recepção ressalta uma visão antropocêntrica dos meios de comunicação, ancorando os estudos da comunicação em conceitos como hegemonia, negociação, hibridização, entre outros.

Se um jovem é concebido como marginal pelo sistema educativo, essa oferta de sentido se torna um projeto de produção da subjetividade do indivíduo. Não se pode esquecer da rica observação de Castoriadis (1999) sobre a questão do sujeito, que, ao receberem os conteúdos e as ofertas de sentido, mediados pelas tecnologias, se apropriam deles e os ressignificam:

[...] que não é questão de uma substância. Mas de um projeto. A questão do sujeito é, em primeiro lugar, a questão do ser humano, a questão da psique, para começar, mas é também a questão do sentido e também, a questão da própria questão. O sujeito é aquele que essencialmente faz perguntas e se questiona, seja no plano teórico ou no que chamamos de prático. Chamarei subjetividade a capacidade de receber o sentido, de fazer algo com ele e de produzir sentido, dar sentido, fazer com que cada vez seja um sentido novo (p.56).

Com base nessas considerações iniciais e no aparato teórico discutido nos capítulos anteriores, do qual selecionamos, para uso na análise das entrevistas, as categorias escola, jovens, tribos urbanas e tecnologias contemporâneas, a partir de agora buscaremos compreender as tribos urbanas existentes no universo escolar, na contemporaneidade, especialmente no Centro de Ensino Médio de Palmas, como conjuntos sociais diversificados, e suas interações com as tecnologias da informação e comunicação. Nosso primeiro passo: apresentação da escola. Em seguida: caracterização dos interlocutores. Último momento: análise das entrevistas realizadas com os jovens.

3.1 O Centro de Ensino Médio de Palmas



Figura 1 - Fachada do Centro de Ensino Médio de Palmas

O CEM de Palmas nos permite perceber que a escola pública não é uma organização isolada no seio social. De acordo com Briand e Chapoville (1993) a escola pública possui níveis diferenciados de (inter) relações com as demais unidades escolares da mesma rede de ensino, com o contexto que a envolve e com os grupos de atores sócio-educativos que nela atuam. Ao longo de sua história, esse Centro de Ensino Médio estabeleceu características próprias que o diferem dos demais estabelecimentos públicos de ensino em Palmas. Esse cenário escolar é palco-referência de contínuos projetos e programas “inovadores” da Secretaria de Educação e foco-campo de investigações acadêmicas. Porque possui uma infraestrutura capaz de abrigar encontros comunitários, confessionais e outras manifestações, tornou-se local privilegiado para as relações político-sociais, tanto mais eficiente quanto maior é o número de alunos, advindos dos mais diversos nichos sócio-econômicos de Palmas e representantes dos diferentes grupos político-partidários, ali matriculados.

Como numa “mega-escola”, o CEM estabeleceu ordenamentos internos, com lógicas comportamentais e valorativas que incidem sobre os grupos juvenis e suas respectivas culturas. Estas são algumas das características que configuram o CEM de Palmas: é um dos 18 colégios públicos estaduais da cidade e sua história é contada a partir de 20 de agosto de 1990, quando foi fundado com o nome de Colégio Estadual de Palmas, tendo sua nomenclatura mudada pelo Decreto Estadual Nº 1.197, de 28 de maio de 2001. Foi a primeira escola estadual construída na cidade e está localizada na região norte da capital, área predominantemente residencial.

Em seu primeiro ano de funcionamento, atendia somente 150 alunos, divididos entre a educação Infantil, Fundamental e Média. No ano de 1991, passou a atender somente o Ensino Médio, tendo aumentado dez vezes o número de alunos matriculados nos três turnos: matutino, vespertino e noturno.

No final da década de 90, ampliou suas instalações e passou a oferecer aos alunos uma infra-estrutura completa, em um espaço de 37.548,411 m² e três áreas com 36.634,718 m², num total de 74.183,129 m² de área construída: 26 salas de aula, 01 diretoria, 01 secretaria, sanitários, Coordenações (pedagógica, financeira, de vídeo, de informática), sala do Grêmio, da rádio, 01 sala para a Orientação Educacional, 01 biblioteca, 01 laboratório de Ciências, laboratório de informática, videoteca, 01 cantina, 01 cozinha, 14 banheiros, 01 sala de reuniões, sala de dança, pátios, hall de entrada, piscina semi-olímpica, com duas arquibancadas e 02 vestiários, quadra poli-esportiva coberta, com cantina, 01 sala auxiliar, 04 banheiros, espaço para aparelhagem de ginástica, 01 sala de material esportivo dos professores, 01 campo gramado com arquibancadas, 01 anfiteatro com 240 lugares, 02 camarins, 04 banheiros, e sala de projeção; praça com jardim, 03 estacionamento, 02 entradas com guaritas. Essa estrutura física possibilita aos jovens as práticas das sociabilidades como os encontros, os bate-papos, a azaração, o exercício do respeito à diversidade e o estabelecimento das práticas mais democráticas e cidadãs, pontos defendidos no projeto Escola Jovem³⁰.

³⁰ “[...] Uma escola dotada de identidade própria, distinta da de uma escola para crianças, e que atenda com qualidade aos alunos adolescentes e jovens que a ela acorrem. A concretização do projeto de construção dessa Escola Jovem prevê a adoção de uma série de estratégias e ações articuladas que vem inaugurar no Brasil uma nova experiência no campo educacional: o desenvolvimento efetivo de políticas públicas para uma etapa da educação até então à margem de consideração, de estudo, de análise, de financiamento específico, ou seja, à margem da ação dos poderes públicos e mesmo da reflexão de estudiosos, acadêmicos ou não” (PEREIRA, 2001, p. 1). Disponível em <http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2001/uej/uejtxt5.htm>. Acessado em 07/04/2007, às 15h. e 20 min.



Foto: Ikerlaci K. de A. N. de 2007

Figura 2 - Sala da Coordenação Pedagógica



Foto: Ikerlaci K. de A. N. de 2007

Figura 3 - Vista parcial da Biblioteca



Rio Inês, Esia Nº 207

Figura 4 - Auditório



Rio Inês, Esia Nº 207

Figura 5 - Piscina



Rita Ierida/Escala N.º 0117

Figura 6 - Quadra poliesportiva



Rita Ierida/Escala N.º 0117

Figura 7- Corredores do CEM

Assumida como “mega-escola”, O CEM, por meio de sua própria Secretaria, declara:

Nossa escola é muito grande. Ela é ambicionada por todos. Aqui nós temos os encontros anuais “Movimento pela vida”³¹, você sabe, né? É uma espécie de Fórum Mundial na versão palmense. Também várias igrejas evangélicas fazem seus congressos aqui. Nossos pátios ficam lotados de gente.



Figura 8 - Corredores do CEM

Entretanto, não existe pátio no CEM. O centro aglutinador tradicional de alunos-professores-direção é rompido. Escadarias, longos corredores, vegetação ampla em canteiros internos evidenciam um outro ordenamento social.

Os professores, 41 concursados e efetivos, ocupam duas salas contínuas. Eles saem dessas salas para as salas de aula, chamadas de laboratório. Os alunos trocam de salas. A cada horário, um tráfego de grupos de estudantes enche de vida os corredores com sons específicos, mas não existe um ponto de fixação para cada grupo.

O CEM não possui uma paisagem externa que possa ser vista pelos alunos das salas de aula. Tudo é voltado para o interior da escola.

³¹ O movimento teve início, no Tocantins, em 1999. Segundo os organizadores, o objetivo do evento é incentivar a plenitude humana e a conscientização sobre a responsabilidade de cada um na construção e manutenção da paz no Planeta.



Figura 9: Área interna do CEM

Atualmente, o colégio conta com 1134 alunos devidamente matriculados e possui um perfil de discentes diversificado, pois recebe jovens de diversas classes sociais e de diferentes pontos da cidade, pertencentes à diversidade de tribos.

3.2 Os interlocutores juvenis no CEM de Palmas

Esta pesquisa foi realizada durante o 1º semestre de 2006, e se fez antecipar de um momento de observação prévia. Nesse momento, participando do cotidiano³² do CEM, conversamos informalmente com alguns alunos para delimitar o grupo, “buscar uma unidade com limites bem definidos” (Ludke e André, 2004, p.31). Durante a observação, também contatamos e dialogamos com professores e orientadores pedagógicos, visando a levantar um

³² Por imposição dos gestores do CEM, só pudemos nos fazer presentes na escola em dois momentos: nos intervalos entre as aulas e no final do período letivo: as autoridades escolares entendiam que a presença de um pesquisador no Centro em outros momentos prejudicaria o bom andamento das atividades escolares.

maior número de elementos que nos auxiliasse na construção de mais conhecimentos sobre as tribos urbanas no universo escolar, temática em tela.

Em meio às falas, estilo de roupas, cortes e acessórios de cabelos em várias cores e modelos, percebemos que entre os grupos juvenis há um cruzamento de culturas, costumes, tradições e tendências estéticas, visivelmente associado às tecnologias contemporâneas, do popular-massivo ao burguês-elitizado, e todas elas acontecem e se impõem de forma silenciosa, confirmando o que pensa Borges (2004) sobre esses grupos quando afirma:

A natureza desses grupos consiste numa existência pontual, efêmera e sucessiva, contando, muitas vezes, com uma linguagem tátil, visual, não-verbal. Eles se constituem em torno de ídolos de música, de práticas esportivas, de eventos consumistas etc. Sua comunicação não passa, necessariamente, pela palavra. São, antes, os ornamentos, as roupas, a atitude, que tomam o lugar. Assim, o *look* comum do qual a moda é, em grande parte responsável, traz emblemas comuns, constitutivos dessa lógica *identificatória* (p. 1).

Selecionamos, então, um grupo de jovens que, pelas marcas estéticas, poderiam ser enquadrados em tribos urbanas, e decidimos pela entrevista como método de coleta de dados, pela interação que ela proporciona. A partir da orientação de Ludke e André (1986), optamos pela entrevista semi-estruturada, adaptando-a às exigências de nossa investigação, o que garantiu uma riqueza de informações durante o processo de escuta. As entrevistas foram realizadas nas áreas de passagem do colégio. A todos os participantes foram atribuídos nomes fictícios para a preservação da identidade (Allison, Celina, Pablisson, Lucas, Mariana, Isabela, Marcus Vinícius, Lívia, Thomas, André, Luana, Letícia e Renato). Com cada grupo gastou-se aproximadamente 40 minutos. Todos os encontros foram gravados, transcritos e analisados. A pesquisa se concentrou no turno matutino, com um grupo de 35 alunos do 3º ano do ensino médio, de um total de 292 alunos. A amostra representou aproximadamente 12% dos alunos matriculados naquele turno/série.

As primeiras revelações referem-se ao perfil sócio-econômico dos alunos entrevistados. Os do turno matutino são os que possuem a melhor situação econômica e cultural. Os do turno vespertino, em sua maioria, residem e trabalham na zona rural, possuem, portanto, comportamentos e costumes culturais diferenciados. Já os alunos do noturno, em sua maioria, são trabalhadores: vêm direto dos seus respectivos trabalhos para a escola. Grande

parte deles é adulta e apresenta distorção idade/série. Pode-se perceber, ainda, que os jovens pertencentes a tribos são em sua maioria alunos do turno matutino.

Caminhar com esse grupo de jovens foi uma experiência desafiadora. Constantemente nos sentíamos provocados a decifrar as diversas mensagens que eram transmitidas, ora por linguagem corporal ora por ironias e expressões muitas vezes desconhecidas. Éramos persuadidos a sair do caminho e abrir trilhas para não perder os sentidos das experiências. Foram essas idas e vindas que nos permitiram definir, com maior objetividade, os aspectos da relação jovem e mundo tecnológico a serem estudados nesta investigação: encantamento com as tecnologias; o uso das tecnologias para fins econômicos; relação tecnologia e criticidade; tecnologia e pertencimento a tribos urbanas; dependência do uso do celular; restrições do acesso à internet; contradição entre as potencialidades postas pelas tecnologias e os usuários potenciais; tecnologias e aprendizagem; influência das tecnologias e limitações do uso das tecnologias na escola. Compreender esses aspectos, segundo percebemos, implica construir outra compreensão: como as tribos urbanas existentes no universo escolar, na contemporaneidade, como conjuntos sociais diversificados, interagem com as tecnologias da informação e comunicação, objetivo geral desta pesquisa, como já informamos.

Os jovens selecionados para as entrevistas estavam na faixa etária entre 16 e 24 anos, conforme representação gráfica a seguir.

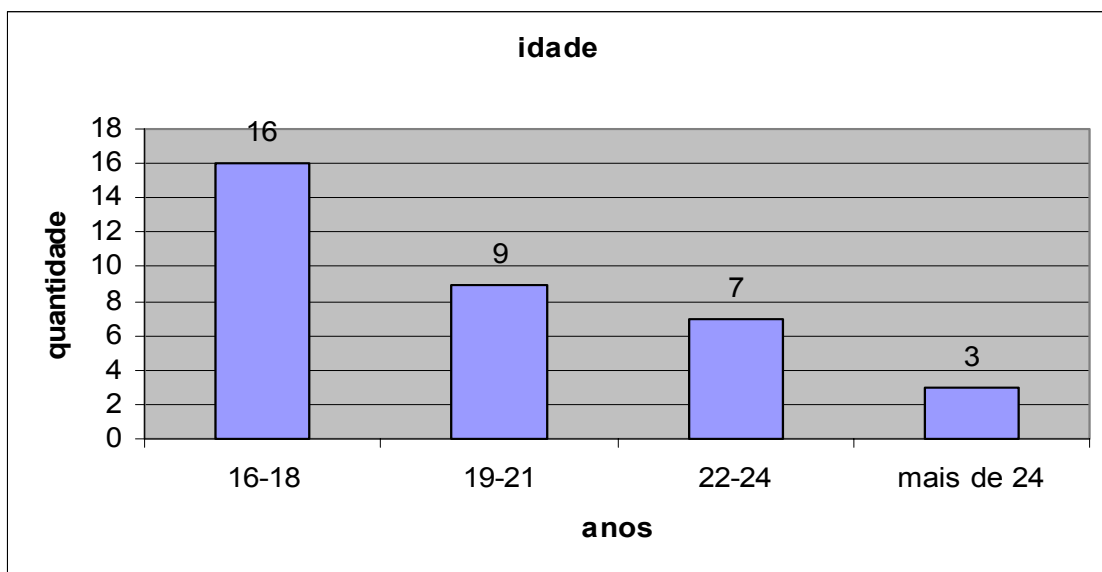


Gráfico 1 - Distribuição dos Jovens Pesquisados por Faixa Etária

A grande maioria dos jovens entrevistados (80%) reside na região norte da cidade, formada a partir de 1994 com a invasão dos espaços reservados pela prefeitura para a instalação de áreas comerciais e governamentais. É considerada, pelos estudiosos sociais, uma das áreas periféricas da cidade que apresenta graves problemas sociais e econômicos. As Áreas Residenciais Norte - ARNOS - têm uma grande concentração de grupamentos juvenis. Esses grupamentos, em sua maioria, alimentam as estatísticas do desemprego na cidade.

O gráfico a seguir demonstra a distribuição geográfica dos pesquisados.

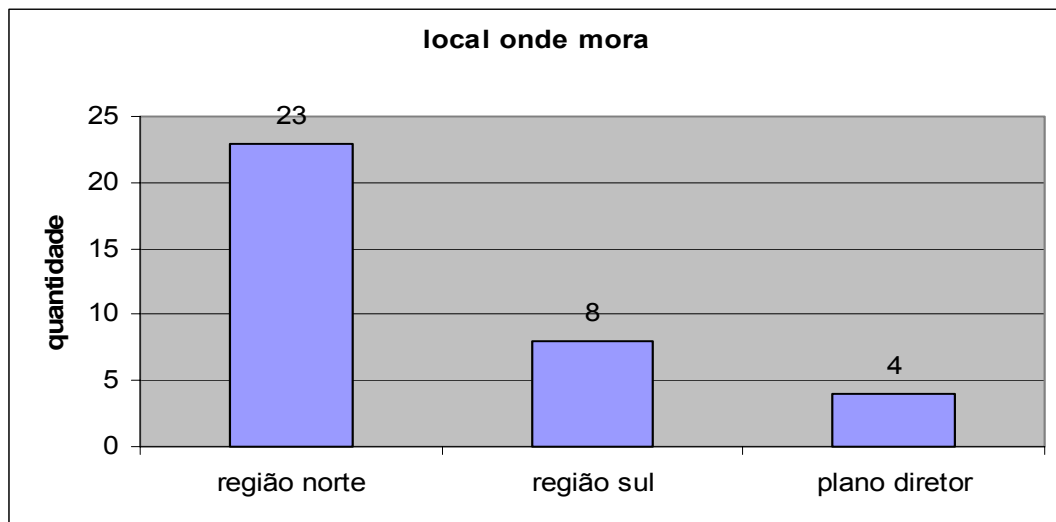


Gráfico 2 - Local de Moradia por Região Residencial Geográfica

Esses jovens, além de estarem nas denominadas periferias urbanas, suas condições sociais reforçam as estatísticas do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - Dieese³³. Segundo esse Departamento, 45,5% do total de desempregados brasileiros têm entre 16 e 24 anos, dado que se confirmou em nossa pesquisa, conforme dados do gráfico 3, apresentado abaixo.

³³ Pesquisa realizada em setembro de 2006.

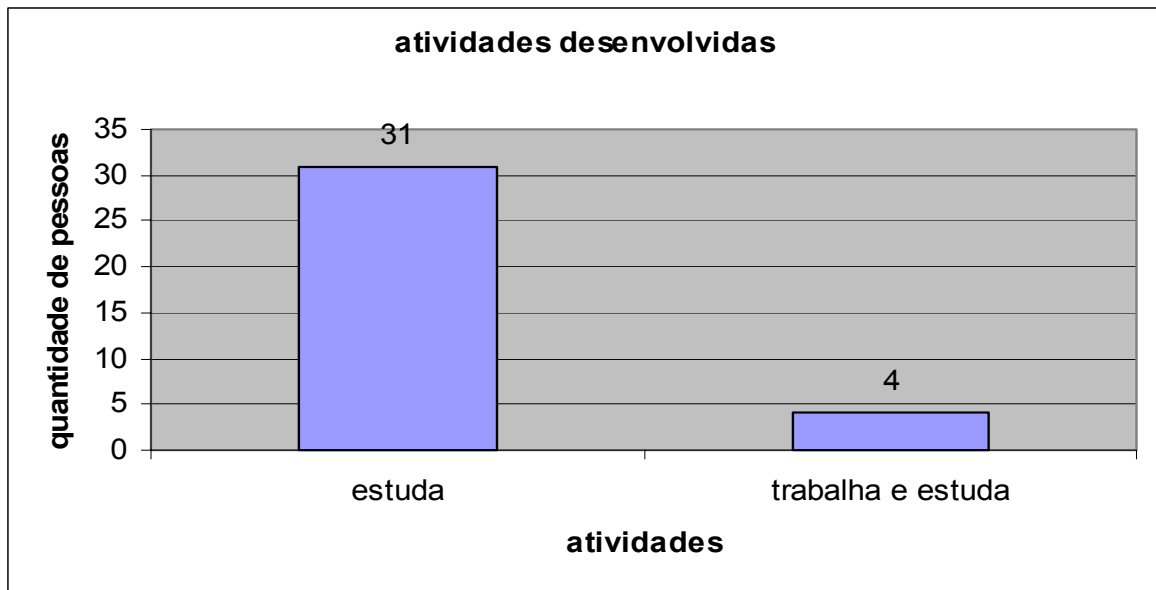


Gráfico 3 - Distribuição Estudo e Trabalho

3.3 Análise das entrevistas realizadas com os jovens

3.3.1 Encantamento com as tecnologias

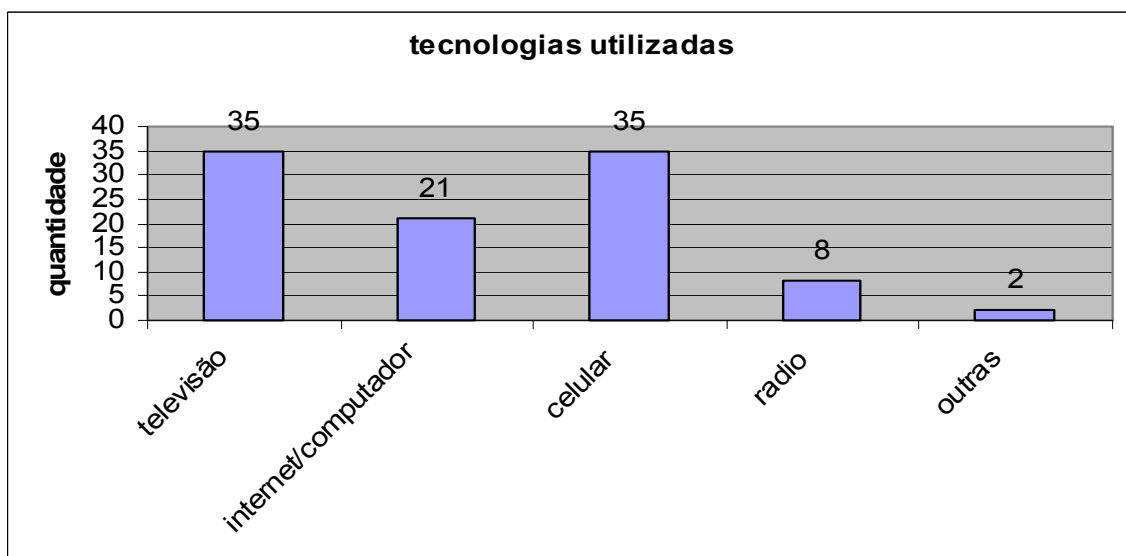


Gráfico 4 - Tecnologias mais utilizadas pelos jovens

Na fala dos jovens, há um encantamento incontestável com as tecnologias. Isso deixa entrever uma relação estreita entre elas e a existência, na medida em que não conseguem imaginar formas de vida sem o concurso das tecnologias contemporâneas:

Eu gosto muito de mexer com computador, internet. A gente fica por dentro de grandes novidades do mundo. Sem as tecnologias seria tudo muito difícil. Eu sei fazer muita coisa e quero aprender mais ainda (Luana).

Não consigo imaginar como meu pai e a minha mãe viviam sem celular e sem internet. Não tinha como fazer nada... não tinha como viver (Allison).

Expressões como “mexer com o computador”, “por dentro de grandes novidades no mundo” estabelecem, na fala de Luana, uma relação direta entre tecnologias contemporâneas e conhecimento do mundo, o que significa dizer que, na contemporaneidade, para que se tenha conhecimento, é imprescindível o uso das tecnologias. Allison, por sua vez, ao não conseguir “imaginar” seus pais sem celular e internet reforça essa relação de dependência entre conhecimento e tecnologias contemporâneas.

3.3.2 O uso das tecnologias para fins econômicos

Contradizendo a idéia de alienação que atinge os jovens quando observados pelo ângulo do uso das tecnologias, há, na fala de alguns entrevistados, a consciência da possibilidade de potencializar a economia doméstica por meio da utilização desses aparatos. Essa possibilidade, no entanto, não se concretiza porque as condições sócio-econômicas dos jovens não o permitem, mas pode revelar um outro fato: os jovens das classes médias altas imergem nas tecnologias para fazer parte do mundo tecnologizado; os entrevistados objetivam isso, mas enxergam, além disso, a possibilidade de ganho financeiro por meio do uso das tecnologias.

[...] eu queria muito, sei lá, de fazer alguma coisa minha na internet... alguma coisa que eu pudesse ganhar uma grana. Gravo clipes no computador, mas gostaria muito de desenvolver alguma coisa na área. (Lucas)

Tem como fazer muita coisa e ganhar dinheiro. Se eu tivesse computador em casa eu ia fazer trabalho para os outros alunos. Tem gente que paga “a grana” pra isso. (Allison)

Quando expressa que deseja fazer alguma “coisa” sua na internet e que essa “coisa” lhe pudesse render “uma grana”, Lucas está revelando ciência de outra possibilidade das tecnologias, talvez premido por suas próprias condições materiais de existência. Mas não apenas isso: o movimento inato para criar leva o jovem ao desejo de ser autor, embora a escola tradicional, por razões que exigem uma discussão ampla, reprima esse desejo. Essa é outra faceta da fala de Lucas. “Tem como fazer muita coisa e ganhar dinheiro”, afirma Allison, corroborando a percepção do primeiro interlocutor. “Se eu tivesse computador em casa...” nada mais é do que a denúncia das limitações do uso das tecnologias pelas condições sócio-econômicas: contraditoriamente, essas condições revelam novas potencialidades das tecnologias e não permitem que elas sejam exploradas.

3.3.3 Relação tecnologia e criticidade

Depois da existência da noção de comportamento politicamente correto, as pessoas, de uma maneira geral, têm cuidado ao fazer declarações: é constrangedor colocar-se na contra-mão do que é tido e havido como politicamente correto. Esse fenômeno envolve os jovens que vivem sob a influência das tecnologias da informação e comunicação.

Se tô assistindo algum programa, eu presto atenção se o que tá sendo dito ou mostrado pode ser mesmo verdade. Você sabe, você é professora de comunicação, nem tudo que passa na TV você pode ir acreditando. Você tem que ver se tá de acordo com o que você já leu sobre aquele assunto. Se é no jornal que tá passando eu corro e vou ver se no jornal do outro canal tá falando do mesmo jeito. (Mariana)

Aprendo muita coisa com a televisão, mas não me deixo influenciar por ela [...] tiro as coisas que acho bacana e reflito sobre outras que são colocadas como bacana e que acho que eles estão forçando a barra, entendeu? [...] aí, essas coisas eu deixo de lado. (Celina)

Nem tudo que você assiste na TV é verdade. Tem gente que olha os programas ou os jornais da televisão e jura que as coisas são daquele jeito e não são. A TV faz o que ela quer para influenciar as pessoas a pensarem daquele jeito. Até nas novelas. (Lucas)

Aqui no Tocantins então..., tem uma televisão para cada lado da política. E em quem você vai acreditar. Melhor nem assistir. (Isabela)

Mariana assegura que, quando assiste à televisão, presta “atenção se o que tá sendo dito ou mostrado pode ser mesmo verdade”, pois “nem tudo que passa na TV você pode ir acreditando”. Ao fazer essas afirmações, a jovem está se defendendo da acusação de que a juventude é mais vulnerável à alienação, particularmente quando está sob as influências das tecnologias. Celina também se preocupa em deixar claro que a imersão no mundo tecnológico não é condição necessária nem suficiente para alienar a juventude. Criticidade e tecnologia podem conviver harmonicamente num mesmo espaço. É por isso que ela diz: “Aprendo muita coisa com a televisão”, mas “não me deixo influenciar por ela”.

3.3.4 Tecnologia e pertencimento a tribos urbanas

Identificar a tribo urbana a que pertence um jovem não se constitui dificuldade no mundo contemporâneo. Várias marcas no corpo, nos gestos, no vocabulário, nas preferências, revelam pertencimento. Os ringtones³⁴ dos celulares são também uma marca: por eles podemos identificar a que tribo pertence o proprietário do aparelho.

Faço parte de uma banda de MPB. Lá eu toco instrumentos e gravo clipes no computador. Tenho amigos que também fazem a mesma coisa. Aqui tem muita gente que também participa de bandas, uns tocam nas igrejas, outros em eventos ou só ensaiam. Tem gente que é do hip hop, do rock...(Marcus Vinícius)

Marcus Vinícius, quando afirma: “Faço parte de uma banda de MPB” e “Tem gente que é do *hip hop*, do *rock*...” está justificando um fato ocorrido na situação de fala: as chamadas de vários celulares foram feitas com músicas de gêneros diferentes. Essas músicas, segundo esse jovem, revelam a vinculação dos donos dos celulares às diversas tribos urbanas de Palmas.

³⁴ Toques de celular

3.3.5 Dependência do uso do celular

Embora nas falas anteriores os jovens afirmem que o uso das tecnologias da informação e comunicação não implica alienação, fato que lhes assegura ser críticos diante dos conteúdos apresentados pelos artefatos tecnológicos, Lívea, Thomas e Isabela revelam, em suas narrativas, uma relação de dependência do jovem contemporâneo com o celular.

Estou sempre atendida, ligada com os amigos e com as últimas novidades [...] se aparece uma coisa bacana, a gente, na mesma hora, fica sabendo. Por isso, só não uso o celular quando estou dormindo. (Lívea)

Com o celular você localiza o outro rapidinho, não corre aquele risco de ficar perdido. (Thomas)

Durante as aulas eu coloco o celular no silencioso e quando toca eu sei quem ligou. (Isabela)

Lívea, quando diz: “Estou sempre atendida, ligada [...] com as últimas novidades [...] se aparece uma coisa bacana, a gente, na mesma hora, fica sabendo. [...] uso o celular até quando estou dormindo”, sinaliza, em primeiro lugar, a dependência que possui do celular. Concomitantemente, no entanto, revela que esse artefato, além de meio de comunicação, é fator imprescindível de atualização tanto para o consumo quanto para as relações sociais. Especificamente quanto às relações sociais, Thomas, revelando medo da solidão, diz: “Com o celular você localiza o outro [...], não corre [...] risco de ficar perdido”. O sentido de elo entre as pessoas fica claramente demarcado nessa declaração, mas ao aparelho é dada uma conotação de instrumento de localização e vigilância social, o que amplia sua funcionalidade: o celular não só favorece o contato entre as pessoas, mas também localiza-as no espaço geográfico. Isabela não desliga o celular. Coloca-o no silencioso. Para quê? Para exercer a vigilância social: “quando toca eu sei quem ligou”.

3.3.6 Restrições do acesso à internet

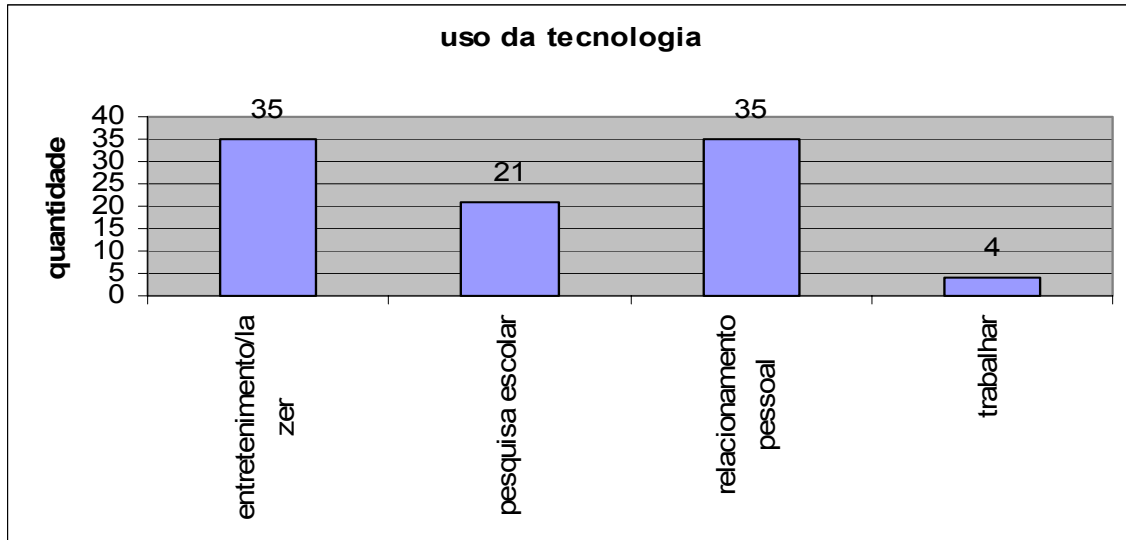


Gráfico 5 - Usos da tecnologia

No bloco anterior, as narrativas revelaram a intensidade do uso do celular e seu caráter de meio de comunicação, de atualização e de vigilância social. Ao referi-se à internet, além da consciência de sua importância, os jovens revelam a impossibilidade do acesso cotidiano a essa plataforma para pesquisar, comprar, comunicar-se e ler, uma vez que só a utilizam na escola e na *lan-house*. Neste caso, quando dispõem de algum dinheiro. No caso da escola, há, ainda, uma denúncia: uma espécie de censura moral, camuflando a inabilidade dos professores que trabalham nos laboratórios de informática, restringe o acesso dos jovens a ferramentas como *msn*, *orkut*, salas de bate-papos, *flog's* e etc.

A internet é muito importante. Se eu pudesse, eu ficava o dia todo navegando. Ninguém hoje vive sem ela. Se você precisa fazer uma pesquisa, comprar alguma coisa, mandar um recado, ler uma reportagem, tudo ela tem. E se você quiser só se divertir ou relacionar com outra pessoa lá é até mais seguro. [...] Eu só não faço tudo isso porque nem sempre eu tenho condições de acesso, só na escola ou quando eu vou numa *lan-house*. (André)

Na escola eu não posso usar algumas coisas: *msn*, *orkut*, bate-papo...só usamos para fazer pesquisa. E o tempo logo passa. (Lucas).

Quando eu tenho acesso na casa de alguém, ou dinheiro para pagar uma *lan* eu fico horas, principalmente jogando com outras pessoas que nem conheço...de fora do Tocantins (Allison).

Eu tenho vários amigos que eu nunca vi, mas que trocamos mensagens, idéias pela internet. O problema é que eu fico, às vezes, muito tempo sem falar com eles. Mas quando posso, falamos muito. (Luana)

André, Allison e Luana, ao se referirem à questão do acesso à internet, não deixam dúvidas sobre a limitação desse acesso, quando afirmam: “Se eu pudesse, eu ficava o dia todo navegando. Eu só não faço tudo isso porque nem sempre eu tenho condições de acesso”. “Quando eu tenho acesso na casa de alguém, ou dinheiro para pagar uma *lan* eu fico horas[...]”. “[...] eu fico, às vezes, muito tempo sem falar Mas quando posso, falamos muito”. Se nas narrativas analisadas nesses dois últimos blocos a predominância do uso do celular sobre o da internet é fato inegável, o mesmo não se pode dizer sobre ser a baixa frequência do uso da internet resultado de uma opção que privilegia o uso do celular. É isso que revelam Luana, Allison e André.

3.3.7 Tecnologias e aprendizagem

As narrativas que seguem apresentam as tecnologias como um campo de aprendizagem extremamente fértil que chega a prescindir da intermediação de terceiros para se entrar em contato com um mundo de conhecimento. Pelo auto-estudo prático e pela leitura dos manuais, chega-se ao uso pleno de suas potencialidades, fator que favorece sua incorporação por um contingente de jovens cada vez maior, enquanto a origem social deles insiste em mantê-los fora do universo tecnológico.

Todo mundo aprende. Até quando não tem ninguém para te ensinar e você fica mexendo sozinho, uma hora você acerta. Isso acontece muito comigo. O celular quando eu ganhei, tinha umas coisas que eu não sabia, fui mexendo, mexendo e então consegui. (Luana)

No celular é fácil, ele vem com manual. É só ler. (Lucas)

Na internet, por exemplo, aprendo novas palavras, a me relacionar com outras pessoas, ser mais comunicativa, aperfeiçoar meus conhecimentos. E na televisão, depois que eu assisto algum programa ou novela ou filme eu reavalio o meu modo de pensar sobre algumas coisas. (Luana)

Aprendo e adquiero muitas informações sobre tudo, na internet e na televisão. O problema da internet é a dificuldade de acesso. (Mariana)

Na internet recebo notícias de vários lugares e aí posso ficar por dentro do que está acontecendo. Mas não é todo dia que eu acesso. Faço descobertas em várias áreas do conhecimento. (Álisson)

O universo de aprendizagem referido por Luana envolve riqueza vocabular, relacionamento e comunicação, e conhecimento de uma maneira geral: “[...] aprendo novas palavras, a me relacionar com outras pessoas, ser mais comunicativa, aperfeiçoar meus conhecimentos”. Mariana aprende e adquire “[...] muitas informações sobre tudo, na internet e na televisão”. Allison atém-se às “[...] notícias de vários lugares” e faz “[...] descobertas em várias áreas do conhecimento”. Nos três casos, os jovens podem até apresentar uma certa insegurança para discriminar o que aprendem, mas todos eles estão convictos de que há um aprendizado por meio da utilização das tecnologias contemporâneas.

3.3.8 Influência das tecnologias

Em comunicação, aprender implica mudanças conscientes de quem aprende algo; influenciar, reproduzir atitudes e comportamentos induzidos pelas tecnologias da informação e comunicação, sem refletir sobre a própria atitude, a ponto de negá-la, por meio de um discurso inconsistente e vulnerável ao desvelamento de verdades subjacentes que negam o que as palavras afirmam. Alisson, Pablisson e Renato, ao falarem da influência das tecnologias, apresentam essa modalidade de discurso:

Não fico ligado nessas coisas. Se uso não é porque eu vi na mídia, mas é porque ... (silêncio) eu quero usar. (Álisson)

Vejo algumas roupas e acho “maneiro”...aí eu compro igual, mas não me deixo influenciar pela moda ou algo assim...só se eu gostar que eu uso.(Pablisson)

Só uso o que eu gosto e não porque eu vi em algum lugar. (Renato)

As marcas mais evidentes de influência das tecnologias contemporâneas se objetivam na negação dos jovens, que revela a falta de reflexão deles sobre suas próprias escolhas, levando-os a afirmar que o consumo de determinados objetos midiáticos é resultado de opção consciente e não de influência. Senão vejamos: “Se uso não é porque eu vi na mídia é porque ... (silêncio) eu quero usar”. “Vejo algumas roupas [...] eu compro igual, mas não me

deixo influenciar pela moda [...] só se eu gostar que eu uso”. “Só uso o que eu gosto [...] não porque [...] vi em algum lugar”. A necessidade de afirmação de independência em suas escolhas é a tônica da fala desses jovens. Em vez de nos convencer de sua autonomia na vida, no entanto, ela reforça a idéia da influência inconsciente natural ao jovem.

3.3.9 Limitações do uso das tecnologias na escola

Os jovens pertencentes às tribos urbanas de Palmas denunciaram o cerceamento de seu acesso às tecnologias da informação e comunicação pelas condições materiais de suas famílias e pelas limitações dos profissionais do CEM para tratar com os artefatos tecnológicos. Essas limitações, afirmam os entrevistados, se tornam evidentes na medida das proibições de acesso impostas pela escola. As falas a seguir revelam isso.

Aqui só mexemos no computador e na sala de vídeo para fazer alguma pesquisa para a escola. (Lucas)

Eu queria apresentar uns trabalhos mais interessantes, com clipes, filmes que poderiam ser baixados na internet. (Marcus Vinícius)

Os professores não sabem mexer. Às vezes nem no vídeo cassete (risos). No laboratório, só coloca a gente para mexer no básico e quando arriscamos a ir para outro lugar, eles nos fazem voltar. (Renato)

Tem muita coisa maneira que podíamos fazer na escola ou para os trabalhos da escola... mas ... (Lucas)

Lucas, Marcus Vinícius e Renato são contundentes e às vezes cruéis quando falam de suas experiências com as tecnologias na escola e da mediação dos professores que nela trabalham. O reducionismo do uso dos artefatos tecnológicos salta aos olhos quando o primeiro afirma que apenas o computador e a sala de vídeo são utilizados na escola. E com uma função específica: realizar pesquisa. Marcus Vinícius aprofunda essa questão quando assegura que poderia realizar trabalhos mais interessantes para a escola, ilustrando-os com clipes e filmes baixados da internet. Os professores, para Renato, “[...] não sabem mexer [...] nem no vídeo cassete [...] só coloca a gente pra mexer no básico e quando arriscamos [...] nos fazem voltar”. Ao que Lucas acrescenta: “[...] muita coisa maneira [...] podíamos fazer na escola ou para os trabalhos da escola...mas ...”

CONCLUSÃO

A questão inicial que orientou esta pesquisa foi compreender as tribos urbanas, existentes no universo escolar, na contemporaneidade, e suas (inter)ações com as tecnologias da informação e comunicação, a partir dos seguintes elementos norteadores: a) as tribos urbanas, cada vez mais inseridas nos espaços escolares, apropriam-se de elementos estéticos, linguagem, estilo de vida e formas de apreender o mundo a partir das TIC; b) no universo escolar, verifica-se um distanciamento do pensar-refletir as diversas formas de apreensão do mundo pelas tribos urbanas, influenciadas pelas tecnologias da informação e comunicação; c) novas formas de educação estão sendo negociadas no universo escolar pelos jovens, regidas por negociações midiáticas e alavancadas pelas TIC.

Fizemos a discussão teórica necessária ao resgate de determinados conceitos-chave sobre tecnologia(s) e convergência midiática, para, a partir deles, verificar a fruição das possibilidades do universo tecnológico pela juventude. Após essa revisão teórica, optamos pelas categorias escola, jovens, tribos urbanas e tecnologias contemporâneas. Compreendemos os grupamentos juvenis existentes no universo escolar, na contemporaneidade, especificamente no Centro de Ensino Médio de Palmas. A partir da sinalização teórica de vários pesquisadores, discutimos juventude-adolescência e a configuração das tribos urbanas. Nesse esforço, ampliamos e esclarecemos as inquietações das questões norteadoras desta investigação, na medida em que, com Tapscott (1998), compreendemos a “Geração Net” como um conjunto de crianças, adolescentes e jovens que estão em contato permanente com as TIC, considerando-se proprietários delas. Somando-se a compreensão desse autor com a de outros aqui trabalhados, chegamos a um perfil provisório dessa geração, marcada pela mutabilidade constante: uma geração de jovens tecnófilos, atraídos pelas tecnologias e pelo desejo de conhecê-las e empregá-las. Essa condição a torna vulnerável a todos os tipos de consumo e à descartabilidade de objetos, relacionamentos e sentimentos. Os jovens urbanos são marcados por traços visuais, auditivos e cinestésicos. No intercâmbio com as TIC e suas aplicações, agem como se estivessem manuseando os mesmos programas e *softwares* na vida cotidiana. Não existe, para eles, diferenciação entre os domínios do digital e da realidade concreta.

Percebemos um encantamento pelas tecnologias. Há uma relação visceral entre elas e a existência. Para esses jovens, conhecimento implica o uso das tecnologias da

informação e comunicação. Isso reforça a relação de dependência entre eles. As tribos urbanas dos espaços escolares são um exemplo dessa relação, uma vez que se apropriam de elementos estéticos, linguagem, estilo de vida e formas de apreender o mundo a partir das TIC. As tecnologias digitais estão, cada vez mais, oferecendo um padrão comportamental aos jovens, pela intromissão de produtos culturais e de consumo e pelas ofertas de comercialização de sentidos. A cultura juvenil trafega em meandros digitais, que possibilitam a formação de valores e de saberes expressos na linguagem, nas sociabilidades e na estética. Há uma procura de propostas de outras sociabilidades e de sentido de existência dos grupamentos juvenis frente às tecnologias, mas não mais como meros processos de homogeneização.

O uso das tecnologias não é apenas um espaço de sociabilidades, mas, também, uma possibilidade de potencializar a economia pessoal. Os jovens das classes médias altas imergem nas tecnologias para fazer parte do mundo tecnologizado; nossos entrevistados objetivam o mesmo, mas enxergam, além disso, a possibilidade de ganho financeiro por meio do uso das tecnologias. Isso nos leva a perceber que não existe uma relação de causa e efeito entre o nível socioeconômico dos jovens e o interesse pelas tecnologias: a influência de consumo midiático não se concentra em determinadas classes ou grupamentos. Entretanto, a funcionalidade do uso das TIC é diferente entre os dois grupos: o primeiro busca, predominantemente, a imersão no mundo tecnológico para expandir suas relações sociais; o segundo percebe nela, em primeiro plano, uma chance de transformar suas condições materiais de existência.

A relação tecnologia e criticidade apresenta uma contradição. De um lado, os jovens entrevistados asseguram que a imersão no mundo tecnológico não é condição necessária nem suficiente para alienar a juventude. De outro, eles pertencem a tribos e os membros dessas tribos trazem nos corpos as marcas midiáticas, numa flagrante evidência da vulnerabilidade dos jovens aos fatores de alienação, particularmente aos do universo midiático. No mundo contemporâneo, identificar a tribo urbana a que pertence um jovem não se constitui dificuldade. Várias marcas no corpo, nos gestos, no vocabulário, nas preferências revelam pertencimento. Se, anteriormente, a lealdade e a identificação dos membros das tribos se davam pela religião, região e/ou bandeira política que carregavam, hoje, essa lealdade e identificação estão canalizadas para o consumo de bens simbólicos ofertados pelo mundo tecnológico.

Se relacionarmos a lógica de ser jovem ao crescimento da cidade de Palmas, percebemos que ambos carregam em seus “corpos” traços da contemporaneidade: símbolos,

emblemas, insígnias de um fazer midiático. Tanto a cidade quanto seus jovens têm uma formação a partir da grande oferta de bens simbólicos e culturais que se manifestam pelas tecnologias da informação e comunicação. Podemos afirmar, então, que Palmas é uma grande tribo mediada por essas tecnologias. Dentre os aparatos tecnológicos consumidos pela juventude palmense, o aparelho celular se destaca. Os jovens revelam uma relação de dependência com o celular. Além de meio de comunicação, esse artefato é fator imprescindível de atualização para o consumo e para as relações sociais. Ao aparelho é dada, ainda, uma conotação de instrumento de localização e vigilância social, ampliando sua funcionalidade, na medida em que, ao fazer o contato com as pessoas, localiza-as no espaço geográfico. A portabilidade e a interatividade desse aparelho são elementos importantes para esses jovens: imprimem neles a sensação de estar sempre conectados com as pessoas e com o mundo. O celular é outro membro de seu usuário: associado aos braços, pernas, coração e mente, ajuda a compor seu corpo. O uso do celular faz com que os jovens vivenciem a sensação de estar constantemente *on-line*, o que permite os diversos deslocamentos virtuais pelos “lugares-no-tempo” dessa juventude plugada.

O uso da internet é duplamente restrito: por razões econômicas e pela censura moral da escola, que não permite o acesso a essa plataforma para pesquisas não orientadas pelos professores. Mas os jovens revelam o desejo de intensificar o uso dessa ferramenta para construir novas redes humanas, novos espaços de troca de conhecimento e novos afetos.

As tecnologias induzem os jovens a uma convivência em tribos: só entre eles é possível assegurar o contato necessário à comunicação do que percebem no mundo com a mediação das tecnologias da informação e comunicação. Os jovens de Palmas, originários das mais diversas regiões do Estado e do País, são exemplos desse fato. Possuem culturas e repertórios diversificados, mas se agrupam em tribos porque fazem parte de uma mesma geração: a geração das tecnologias contemporâneas. Os gestores da escola, no entanto, apresentam dificuldade e resistência em compreender e aceitar que as tecnologias contemporâneas e suas potencialidades são fato e que a juventude não se percebe no mundo sem a mediação delas. Os jovens delimitam seu espaço por meio das marcas midiáticas que exibem em seus corpos e, ao mesmo tempo, restringem os espaços das pessoas pertencentes a outra geração.

Na trajetória da investigação percebemos que aos jovens é oferecida uma gama de produtos culturais para consumo rápido e descartável, e ela se torna tão maleável que se consome consumindo o que lhe é ofertado pelos meios massivos de comunicação e pelos

grandes grupos de mídia do capitalismo contemporâneo. Porque as tecnologias da informação e comunicação são artefatos, dispositivos, mecanismos que ora armazenam ora difundem dados e informações, portam estratégias políticas, econômicas e ideológicas de quem as produzem e, ao serem transportadas e consumidas pela juventude, passam a ter outras possibilidades de usos e manejos, de produção de sentidos e significados, existe um medo da cultura escolar dos novos conteúdos que as TIC trazem para os espaços e tempos tradicionais da educação: isso derruba a idéia do professor depósito de saber e irrompe com outros modelos de cooperação, colaboração e trocas simbólicas e materiais. As tribos urbanas que trafegam no espaço escolar se tornam ameaças ao modelo pedagógico estabelecido e às identidades clássicas, conservadoras de professor e aluno.

Lidar com os avanços culturais da juventude provocados pelas tecnologias no Centro de Ensino Médio de Palmas ainda é um desafio. As potencialidades educativas das TIC fazem parte de um processo em construção. Para isso, é importante que os atores sócio-educativos conheçam e compreendam não apenas o significado que as tecnologias têm na vida dos jovens, como também de um novo pensar pedagógico que elas proporcionam. E finalmente os por quês do próprio distanciamento desse universo para com as TIC.

O exercício da escuta nos evidenciou que processos pedagógicos deveriam, em função da emergência tecnológica, se modificar. São outras formas de aprender que estão sendo estabelecidas. Modelizações mais atraentes que as tecnologias estão convidando a realizar. Percebemos, durante as intervenções, que esses jovens não querem ser ensinados, mas sim conduzidos à construção, às descobertas. É a questão da autoria que está muito latente em meio a esses grupos juvenis.

Na avaliação dos entrevistados, a escola não vem aproveitando bem o contexto tecnológico para ampliar ou desenvolver novas habilidades críticas. A estrutura física deve estar em sintonia com os contextos tecnológico e sociocultural dos coletivos no universo escolar. Acreditamos que espaço, tempo, sujeitos-docentes e sujeitos-alunos necessitam de uma pedagogia audiovisual que congregue as TIC em sua constituição teórica e metodológica.

Corpos híbridos em mentes diáfanas é um primeiro intento de deslocamento, de aprendizagem, de readequação de olhares e práticas pedagógicas voltados para a juventude, procurando nos distanciar daquelas perspectivas trazidas por filmes “hollywoodianos” em que tribos são concebidas como gangues e meio a elas sempre existe um professor “bonzinho” e abnegado para ensinar boas maneiras, dança, violino ou qualquer outra coisa para domesticá-las e adequem-na ao mundo linear dos adultos.

Sentimos e defendemos a importância do estabelecimento de uma pedagogia da tecnologia imbricada a uma pedagogia audiovisual. A pedagogia, naqueles moldes clássicos, sozinha na contemporaneidade, ainda teima em lidar com jovens e adultos unidirecionalmente, ou seja, de forma verticalizada e concebendo a todos como crianças.

A juventude traz para a escola mais saberes. O desafio para a pedagogia e a educação como um todo é aprender a valorizar, a entrar nesses espaços de participação e colaboração que a juventude vem estabelecendo. Essas sim são possibilidades de instauração de novas realidades educacionais.

Na vertente da educação de adultos, alguns defendem a andragogia. Todavia, para com a juventude permanece um espaço a ser construído. Com as TIC devemos aprender a construir uma “juventogogia” ou “juventogogias”. Não temos a preocupação em criar denominações, e sim, sinalizar para essas novas realidades.

Os corpos da juventude são híbridos e as mentes diáfanas. Ela é líquida e fluída e por isso mesmo nos é extremamente fascinante. Gostaríamos de inverter partes da letra de uma canção de Lupcínio Rodrigues, com todo respeito, mas nos permitindo uma licença poética. Os versos originalmente dizem: “esses moços, pobres moços, ah... se soubessem o que eu sei...”, em nossa licença poética invertamos para: “esses moços, ricos moços, ah.... se eu soubesse o que eles sabem...”

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMO, Helena W. **Cenas juvenis**. São Paulo: Scritta, 1994.
- ABRAMO, Helena W; FREITAS, Maria Virgínia e SPOSITO, Marília Pontes (orgs.). **Juventude em debate**. São Paulo: Cortez, 2000.
- ABRAMOVAY, Miriam (Coord.). **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: UNESCO, BID, 2002.
- ABRAMOVAY, Miriam; WASELFISZ, J.; ANDRADE, C. e RUA, M. G. **Gangues, galeras, chegados e rappers**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
- ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas Escolas**. Brasília: UNESCO. 2002.
- ANDRÉ, Marli. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: EPU. 1995.
- ANDRÉ, Marli; LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2004.
- ARIES, Philippe. **L'Enfant et La Vie Familiale sous L'ancien Regime**. Paris: Seuil, 1973.
- BAUDRILLARD, Jean. **De um fragmento ao Outro**. São Paulo: Zouk, 2003.
- _____. **A sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.
- BAUMANN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- BERGER, John. **El tamaño de una bolsa**. Buenos Aires: Taurus, 2004.
- _____. **Science in history**. London: Watts, 1955.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BONILLA, Maria Helena. **Escola Aprendente**. São Paulo: Quartet, 2005.
- BORGES, Virgínia Todeschini. **Vestidos para mostrar: as máscaras da identidade**. Semiosfera - Revista de Comunicação e Cultura, Rio de Janeiro, v. ano 3, nº.7, 2004.
- BRUYNE, P. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1991.
- CANDAU, Vera Maria. **Sociedade, cotidiano escolar e cultura(s): uma aproximação**. Educação & Sociedade, CEDES, Campinas, v. XXIII, n. n.79, p. 125-161, 2002.

CANEVACCI, Massimo. **Culturas Extremas**: mutações juvenis nos corpos das metrópoles. São Paulo: DP&A Editora. 2005.

CARDOSO, Ruth e Sampaio, Helena. **Bibliografia sobre Juventude**. São Paulo: EDUSP, 1995.

CASTELLS, Manuel. **Internet e sociedade em rede**. In: MORAES, Denis de (org). Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. **A sociedade em rede**: A era da informação : economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **La era de la información. Economía, sociedad y cultura**. Volumen II: El poder de la identidad. México: Siglo XXI, 2001.

CASTORIADIS, Cornelius. **Para si e subjetividade**. In: O pensar complexo. Edgar Morin e a crise da modernidade. PENA – VEJA, A; NASCIMENTO, E.P. (orgs). RJ, Garamond, 1999, p. 35-46.

CASTRO, L. R. **Estetização do corpo**: identificação e pertencimento na contemporaneidade. In: L. R. Castro (Org.). Infância e adolescência na cultura do consumo. Rio de Janeiro: Nau, 1999.

_____. Uma teoria da infância na contemporaneidade. In: L. R. Castro (org.), **Infância e adolescência na cultura do consumo**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1998.

CASTRO, Mary Garcia e ABRAMOVAY, Miriam. **Cultura, Identidades e Cidadania**: Experiências com Adolescentes em Situação de Risco. In: CNPD-Comissão Nacional de População e Desenvolvimento. Jovens acontecendo na Trilha de Políticas Públicas. Brasília: CNPD, 1998.

CEPAL. **Adolescencia y juventud en América Latina y el Caribe**: problemas, oportunidades y desafíos en el comienzo de un nuevo siglo. Serie Población y Desarrollo N° 9. Santiago: CEPAL, 2000.

_____. **Juventud, Población y Desarrollo en América Latina y el Caribe. Problemas, Oportunidades e Desafíos**. Santiago: CEPAL, 2000.

CNPD-Comissão Nacional de População e Desenvolvimento. **Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas**. Brasília: CNPD/IPEA, 1998.

COUTINHO, L. G. (2001). **Da metáfora paterna à metonímia das tribos**: um estudo psicanalítico sobre as tribos urbanas e as novas configurações do individualismo. 2001, disponível no endereço eletrônico www.rubedo.psc.br/Artigos/tribus.html. Acesso em 29 de dezembro de 2004, às 22h.30min.

CORREIA, Máira Baumgarten. **Tecnologia**. In: CATTANI, Antônio D. (org.). Trabalho e tecnologia: dicionário crítico. Petrópolis, RJ: Vozes: Ed. Da Universidade/UFRS, 1999.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. **Protagonismo Juvenil – adolescência, educação e participação democrática**. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

COSTA, Márcia Regina da. **Tribos urbanas nas identidades das metrópoles**. In: ECCOS Revista científica, São Paulo: UNINOVE, n.1, v.3: 41-55, 2001.

COSTA, Rogério da. **A cultura digital**. São Paulo: Publifolha, 2002.

COUTO, Edvaldo. **Corpos modificados: o saudável e o doente na cibercultura**. In: SANT'ANNA, D.B. (org.) *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. São Paulo: Vozes, 2003.

_____. **O Homem-Satélite: Estética e Mutações do Corpo na Sociedade Tecnológica**. 1. ed. Ijuí: Unijuí, 2000. v. 1. 296 p.

CYSNEIROS, P. G. **Novas Tecnologias na Sala de Aula: Melhoria do Ensino ou Inovação Conservadora?** In: IX Encontro nacional de Didática e Prática de Ensino, 1998, Águas de Lindóia. Anais do IX ENDIPE. São Paulo: USP, 1998. v. 1. p. 199-216.

DELVAL, Juan. **El desarrollo humano**. Madrid: Siglo XXI, 1998.

EVANS-PRITCHARD, E.E. **Os Nuer**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Mídia e Juventude: experiências do público e do privado na cultura**. In: Cad. Cedes. *Televisão, internet e educação – estratégias metodológicas com crianças e adolescentes*. Campinas, vol.25, nº 65, p. 43-58, jan./abr.2005.

FLORENZANO, Ramón. **El adolescente y sus conductas de riesgo**. Santiago: PUC, 1997.

FRAGOSO, Suely. **Reflexões sobre convergência midiática**. In. *Líbero - Revista acadêmica do programa de pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero*. São Paulo, ano VIII, nº 15/16, p. 17-21 2005.

FRANCO, M. L. P. B. **Ensino Médio: desafio e reflexões**. 1. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1994.

GIOVANNI, Levi & SCHMITT, Jean-Claude (orgs.). **História dos jovens**. In: da antiguidade a era moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GOMES, Geraldo da Silva. **Em nome do pai, da cidade e da identidade: estratégias midiáticas do processo de globalização no Estado do Tocantins**. São Leopoldo: UNISINOS. Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, 2004. (tese de doutorado).

_____. **Processos comunicacionais, ofertas de significações midiáticas e ensino do direito**. In: *Justilex*, Brasília -DF, v. 18, p. 66-70, 2002.

GRINSPUN, Mirian P. S. Zinppin (org.). **Educação tecnológica: desafios e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 1999.

GUAZINA, Liziane. **O conceito de mídia na comunicação e na ciência política: Desafios interdisciplinares**. Disponível em: www.reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/17274/1/R0053-1.pdf. Acessado em 22 de outubro de 2006, às 15h e 23min.

HOBBSAWM, Eric. J. **A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. 2ª ed. Trad. de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JANOTTI JÚNIOR, Jeder. **Mídia, cultura juvenil e rock and roll: comunidades, tribos e grupamentos urbanos**. In: PAIVA, Raquel, BARBALHO, Alexandre (orgs). Comunicação e cultura das minorias. São Paulo: Paulus, 2005.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologia e ensino presencial e a distância**. 2ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

LACERDA, Juciano de. **A tematização no jornal da pastoral**. In: BRAGA, Adriana. BORGES, Luiz Fernando Rabello. AQUINO, Márcia Rodrigues (org.). Angulações, provocações e cultura. São Leopoldo – RS: Unisinos, 2002.

LEVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LIMA, Venício A. de. **Mídia: teoria e política**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

LOPES, José Reinaldo de Lima. **O direito na história**. São Paulo: Max Limonad, 2000.

MACHADO PAIS, José. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional - CASA, 1997.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Tribos urbanas: metáfora ou categoria?** Cadernos de Campo. Revista dos Alunos de Pós-Graduação em Antropologia da USP, 2 (2): 49-51, 1992.

MARGULIS, Mário. **La juventude es más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, 1996.

_____. **Juventud: una aproximación conceptual**. In: S. D. Burak. Adolescencia y juventud en América Latina. Cartago: L.U.R, 2001.

MARQUES, J. **Estilos de relações interpessoais na adolescência**. *Psico*, 27, (1), 23-27, 1996.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios as mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Livro 1, volume 1. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1994.

MERCONI, Marlene; SAMPAIO, Flavio. **Geração www: computadores não tem mistérios para os nascidos na era da informação**. In: Isto é digital (edição especial). Out. 2006 <<http://www.terra.com.br/istoe/digital/quemequem.htm>>

MORAES, Denis. **A tirania do fugaz: mercantilização cultural e saturação midiática**. In: In: MORAES, Denis (org.). Sociedade midiática. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

SACRISTAN, J.G. **El alumno como invención**. Madrid: Morata, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo.** São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **O homem e as máquinas.** In: DOMINGUES, Diana (org.). *A arte no século XXI: a humanização das tecnologias.* São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

SANTANA, Camila Lima S. e. **Adolescência e mídias digitais: considerações iniciais sobre a cultura digital e a educação.** In: II Seminário Jogos eletrônicos, educação e comunicação: construindo novas trilhas, 2006, Salvador. II Seminário Jogos eletrônicos, educação e comunicação: construindo novas trilhas, 2006.

SILVA, Lúcia Oliveira. **A internet – a geração de um novo espaço antropológico.** In: LEMOS, André. PALACIOS, Marcos (org.). *Janel@s no ciberespaço: comunicação e cibercultura.* 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

_____. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea.** Porto Alegre: Sulina, 2ª ed., 2004.

SILIBIA, Paula. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

OBLINGER, D. (Ed) **Educating the Net generation.** Educase.e-Book, 2005.

OLIVEIRA, E. A. **Técnica, Techné e Tecnologia.** In: UFG Virtual. (Org.). *Curso de Formação de professores a distância.* Goiânia - GO: UFG Virtual, 2002, v. 1, p. -.

OXFORD DICTIONARY. Oxford: Clarendou Press, 1961.

PESAVENTO, Sandra J. **A cor da alma: ambivalências da identidade nacional.** In: *Ensaio.* FEE. Porto Alegre, V. 20, Nº 1, 1999, p. 124-133.

PRETTO, N. L. **Educação e inovação tecnológica: um olhar sobre as políticas públicas brasileiras.** *Revista Brasileira de Educação,* São Paulo, n. 11, p. 75-85, 1999.

PRETO, N.G. **Transformações do sistema familiar na adolescência.** Em N. G. Preto. *Ciclo de vida em terapia familiar.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

QUADROS, Paulo da Silva. **Ciberespaço e violência simbólica.** In. *Revista Comunicação e educação.* São paulo, ano VII, nº 21, p. 54-60, maio/ago. 2001.

PONCE. Alfonso Ramírez. **Arquitetura regional: coberturas de tijolo “sobrecarregado”.** In. *Arquitextos.* São Paulo, nº 047. 2004.

REGUILLO CRUZ, Rossana. **Cuerpos juveniles, políticas de identidad.** In: CARLES FEIXA, FIDEL MOLINA y CARLES ALSINET (editores): *Movimientos juveniles en América Latina: pachucos, malandros, punketas.* Barcelona: Ariel, 2002.

_____. **Emergencia de culturas juveniles.** *Estrategias del desencanto.* Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2000.

REIS, Hiliana; MURCIANO, M.. **Sociedade da informação: políticas da União Européia.** *Comunicação & Educação (SP),* São Paulo, v. VII, p. 63-74, 2001.

RIBEIRO, Gustavo Lins. **Tecnologia versus tecnofobia: o mal estar no século XXI**. Brasília: Departamento de Antropologia: UNB. Série Antropológica (248), 1999. <www.unb.br/ecs/dam/serie 248empdf.pdf. Capturado em 12/11/2006>

RIFKINS, Jeremy. **A era do acesso: transição dos mercados convencionais para networks e o nascimento de uma nova economia**. São Paulo: Makron Books, 2001.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. **As palavras na TV – um exemplo autoritário?** In: NOVAES, Aduato (org.). *Redes imaginárias – televisão e democracia*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

RODRIGUES, Cleide Aparecida C. **Educação e comunicação: interfaces**. In. Apostila do curso de pós-graduação Educação, comunicação e novas tecnologias. Palmas: Unitins, 2005.

ROSA, Graciema de Fátima de. **O corpo feito cenário**. In: ROCHA, José Damião T.; COUTO, Edvaldo S. *Entre batons, esmaltes, tatuagens, piercings: corpo outdoor na sociedade tecnológica*. Revista Tempo Integral, Palmas-TO, v. 1, n. 4, p. 20-22, 2006.

ROCHA, José Damião T. **Relações de bolso**. In: *Jornal do Tocantins*. Coluna Tendências e idéias. Palmas – TO. Ano 26, n.3582, p. 4, publicado em 22 de janeiro de 2006.

RONSINI, Veneza V. Mayora. **Mídia e identidades juvenis**. In: *Communicare: revista de pesquisa/Centro Interdisciplinar de Pesquisa - v.2, nº 2 – São Paulo: Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, 2002*.

SANTAELLA, Lúcia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2005.

SCHAFF, A. **A sociedade informática**. Trad. Carlos E. J. Machado e Luiz Obojes. São Paulo: Brasiliense, Editora UNESP, 1985.

SODRÉ, Muniz. **Étnicidade, campo comunicacional e midiaticização**. In: MORAES, Denis (org.). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

SPOSITO e CARRRANO, Paulo. **Juventude e políticas no Brasil**. In: DAVILA, O. (org.) *Políticas de juventud em América Latina: políticas nacionales*. Viña del Mar, CIDPA, 2003.

STRAUBHAAR, Joseph. LAROSE, Robert. **Comunicação, mídia e tecnologia**. São Paulo: Pioneira, 2004.

TAPSCOTT, Don. **Geração Digital**. São Paulo: Makron Books do Brasil, 1999.

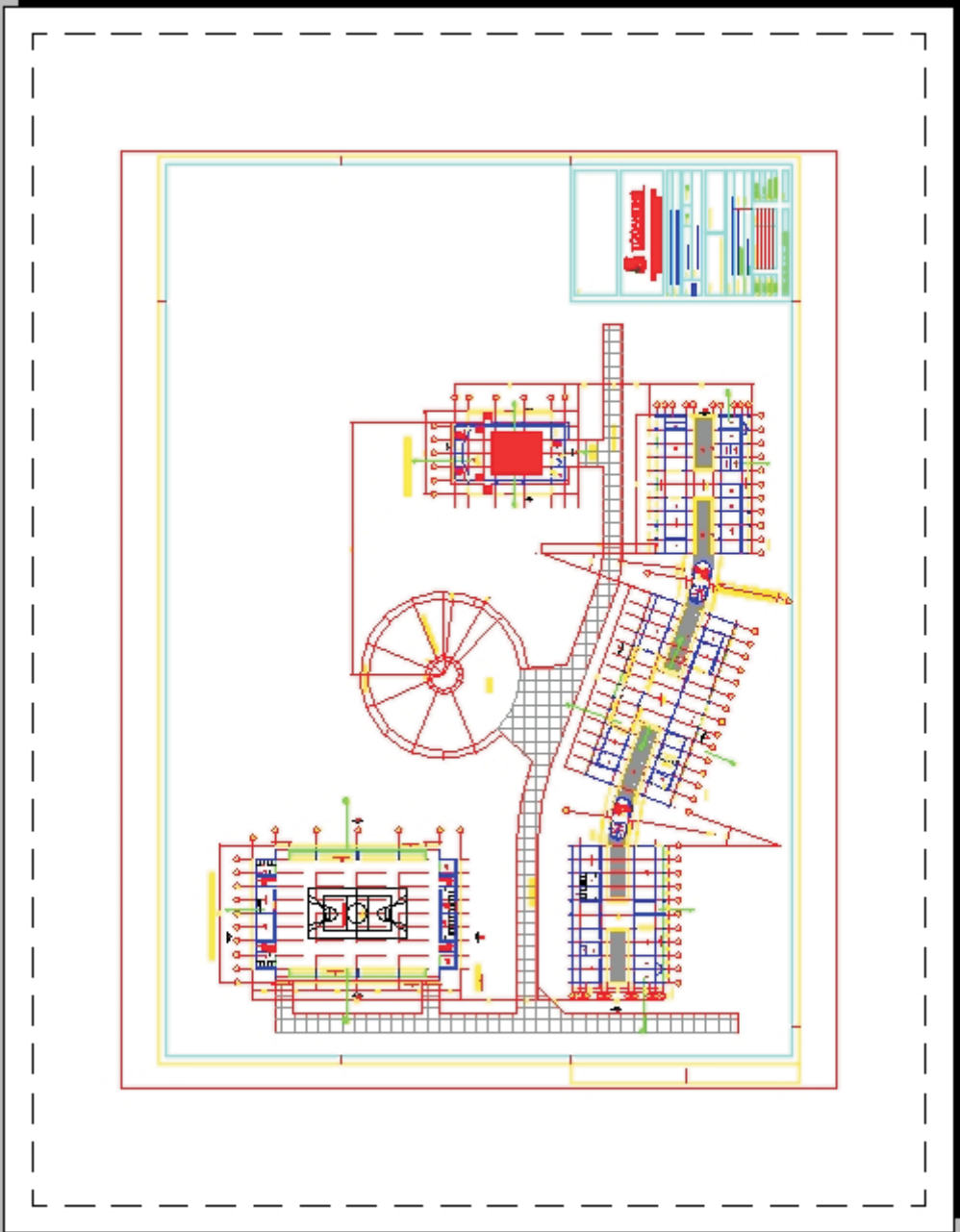
_____. **Growing up digital: The rise of the Net generation**. McGraw-Hill. New York, 1998.

TARGINO, M. G. **Novas tecnologias da comunicação: mitos, ritos ou ditos?**. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 24, n. 2, p. 194-203, 1995.

ZUFFO, João Antônio. **A Infoera: O Imenso Desafio do Futuro**. São Paulo: Editora Saber, 1997.

ANEXOS

Anexo 1



Anexo 2

Roteiro das questões apresentadas aos alunos do CEM

1. Identificação do sujeito:

- Nome
- Sexo
() F. () M.
- Etnia:
() branco () negro () outras
- Local onde mora
() Região Norte () Região Sul () Plano Diretor
- Idade
() 16 – 18 () 19 – 21 () 22 – 24
- Atividade que desenvolve
() só estuda () trabalha e estuda

2. Usos da tecnologia:

- Que tecnologia(s) você mais faz uso?
() Televisão
() Internet/computador
() Celular
() rádio
() outras
- Você faz uso dessa(s) tecnologia(s) no seu dia-a-dia?
() Sim () Não
- Se a resposta for positiva, Para quê?
() entretenimento/ lazer
() pesquisa para escola
() relacionamento pessoal
() trabalhar
- Como você classificaria sua relação com essa(s) tecnologia(s)?
() domino as que utilizo

() não domino

- Diariamente, quanto tempo você faz uso dessas tecnologias?
 - () 2 horas/dia
 - () 04 horas/dia
 - () 06 horas/dia
 - () 12 horas/dia
 - () mais de 12 horas/dia
- Você faz parte de algum grupo/equipe/coletivo que realiza alguma atividade ligada à tecnologia?
 - () sim () não
- Se a resposta for positiva, qual?
 - () bandas de música
 - () movimento cultural
 - () movimento político
 - () outros
- Como?

3. Comportamento – estímulo:

- Você aprende alguma coisa a partir dessa(s) tecnologia(s)?
 - () sim () não
- Se a resposta for positiva, o quê?
- Essa(s) tecnologia(s) ajuda(m) você a definir seu vocabulário?
 - () sim () não
- Se a resposta for positiva, exemplifique.
- Essa(s) tecnologia(s) ajuda(m) você a definir seu modo de vestir?
 - () sim () não
- Se a resposta for positiva, exemplifique.
- Seus amigos fazem uso dessa(s) tecnologias(s)?
 - () sim () não
- Se a resposta for positiva, como?

4. Escola – reflexos:

- Você utiliza dessa(s) tecnologia(s) para alguma atividade escolar?
() sim () não
- Se a resposta for positiva, como?

- A escola faz uso dessa(s) tecnologia(s)?
() sim () não
- Se a resposta for positiva, como?

- Como você avalia o uso de recursos tecnológicos aqui na escola?
() ótimo
() muito bom
() bom
() regular
() ruim

Anexo 3

Palmas; 16 de março de 2006.

Senhor Diretor,

Cumprimentando-o cordialmente, venho solicitar de Vossa Senhoria permissão para fazer uma pesquisa com os alunos do 3º ano do Ensino Médio, bem como o acompanhamento do serviço de orientação educacional dessa conceituada Instituição durante o trabalho de pesquisa. Sou professora da Fundação Universidade do Tocantins - UNITINS, aluna regular do Programa de Mestrado, em Educação, da Universidade Federal da Bahia - UFBA e estou em fase de pesquisa para conclusão da qualificação. Meu trabalho se ancora no tema **CORPOS HÍBRIDOS EM MENTES DIÁFANAS: jovens no universo escolar de Palmas e suas inter(ações) com as tecnologias da informação e da comunicação**. Escolhi o Centro de Ensino Médio para realizar a pesquisa de campo, por ser o maior colégio da Capital e ter como alunos jovens de várias faixas-etárias e provenientes de diferentes áreas residenciais. Posso assegurar a essa diretoria que seguirei as orientações de horário e local estipulados pelo CEM.

Certa de contar com o apoio dessa direção agradeço e me coloco à disposição para mais esclarecimentos.

Contatos: (63) 3215 1035

(63) 9201 4301

Valdirene Cássia da Silva

Ilmo. Sr.

Prof. Kléber Alcântara Queiroz

Diretor do Centro de Ensino Médio de Palmas – CEM

Nesta

Palmas; 18 de setembro de 2006.

Senhor Secretário,

Cumprimentando-o cordialmente, venho solicitar de Vossa Excelência a permissão para consultar a pesquisa, realizada por essa Secretaria, intitulada “**Perfil Tocantinense da Juventude**”. O pedido se faz necessário para que eu possa obter informações do perfil dos jovens da Região Norte da Capital, objeto de meu trabalho..

Sou professora da Fundação Universidade do Tocantins - UNITINS, aluna regular do Programa de Mestrado, em Educação, da Universidade Federal da Bahia - UFBA e estou em fase de pesquisa para conclusão da qualificação. Meu trabalho se ancora no tema **CORPOS HÍBRIDOS EM MENTES DIÁFANAS: jovens no universo escolar de Palmas e suas inter(ações) com as tecnologias da informação e da comunicação**. Posso assegurar a essa Secretaria que seguirei as orientações de horário e local estipulados para a consulta.

Certa de contar com o apoio dessa conceituada Instituição, agradeço e me coloco à disposição para mais esclarecimentos.

Contatos: (63) 3215 6908

(63) 9201 4301

Valdirene Cássia da Silva

Exmo. Sr.

Ricardo Ayres

Secretário Estadual da Juventude

Nesta

Palmas; 18 de setembro de 2006.

Senhora Gerente,

Cumprimentando-a cordialmente, venho solicitar de Vossa Senhoria informações sobre a Região Norte da Capital – aspectos históricos, sociais e culturais. O pedido se faz necessário para que eu possa obter informações da região que mais agrega a juventude palmense, objeto de meu trabalho.

Sou professora da Fundação Universidade do Tocantins - UNITINS, aluna regular do Programa de Mestrado, em Educação, da Universidade Federal da Bahia - UFBA e estou em fase de pesquisa para conclusão da qualificação. Meu trabalho se ancora no tema **CORPOS HÍBRIDOS EM MENTES DIÁFANAS: jovens no universo escolar de Palmas e suas inter(ações) com as tecnologias da informação e da comunicação.**

Certa de contar com o apoio dessa conceituada Instituição, agradeço e me coloco à disposição para mais esclarecimentos.

Contatos: (63) 3215 6908

(63) 9201 4301

Valdirene Cássia da Silva

Ilma. Sra.

Simone Dutra

Gerente de Informações

SEDUH

Nesta